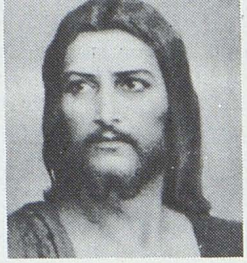
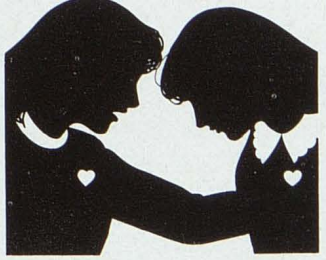
Liahona








GM
M205.5
L694P0
v.35
1982

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney
Gordon B. Hinckley

CONSELHO DOS DOZE:
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust
Neal A. Maxwell

COMITÊ DE SUPERVISÃO:
M. Russel Ballard
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Charles Didier
George P. Lee
F. Enzio Busche

EXECUTIVO DO «INTERNATIONAL MAGAGINE»:
M. Russel Ballard, Editor;
Larry A. Hiller, Editor Gerente;
David Mitchell, Editor Associado:
Bonnie Saunders, Seção Infantil;
Roger Gylling, Desenhista.
Norman Price, Produção

EXECUTIVO DE A LIAHONA:
Gelson Pizzirani, Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado, Editor;
Victor Hugo da Costa Pires, Assinaturas;
Orlando Albuquerque, Supervisor de Produção.

A Liahona
JUNHO DE 1982
PBMA0460PO
SÃO PAULO - BRASIL

HISTÓRIAS E DESTAQUES

1. **Mensagem da Primeira Presidência: REVERÊNCIA,** Presidente Marion G. Romney
7. **PERGUNTAS & RESPOSTAS,** Leland H. Gentry
12. **SALVO DAS CHAMAS,** Steve Cherry
14. **"ABRI VOSSA BOCA",** Joe J. Christensen
21. **A CARTA,** Mary Johansen
22. **JOGO DE PERGUNTAS E RESPOSTAS,** Nola Carson
24. **PERSPECTIVA FEMININA DO SACERDÓCIO,** Patricia T. Holland
31. **TESTEMUNHO ACERÇA DA ORAÇÃO,** Susan T. Holmes
33. **CATHERINE E SUA FÉ,** Clifford J. e Marsha Romney Stratton
37. **QUANDO OS AMIGOS PRECISAM DE NÓS,** Ann Edwards-Cannon
40. **ENCONTREM-NOS,** Royden G. Derrick
44. **O PRESIDENTE KIMBALL FALA DE COMO PLANEJAR NOSSA VIDA,** Presidente Spencer W. Kimball
55. **A ATITUDE CORRETA NO ATLETISMO NA IGREJA,** Clinton L. Cutler

SEÇÃO INFANTIL

I - DE UM AMIGO PARA OUTRO, (Élder Charles A. Didier), Jolleen Meredith
III - CAMELOS E ESCOLA NA SOMÁLIA, Mary Gehman
VIII - SÓ PARA DIVERTIR

NOTÍCIAS LOCAIS

I NOVO PRESIDENTE DE MISSÃO
III MISSÃO DE TEMPO INTEGRAL É REDUZIDA PARA DEZOITO MESES
IV UM JOVEM POETA SUD
V FÉ E SACRIFÍCIO
VI HUMILDE SERVA DO SENHOR
VII NOITE À ITALIANA
VII ASSOCIAÇÃO DE FILATELIA E NUMISMÁTICA
VIII EXPO MÓRMON 1982 — SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
IX 2ª EXPO-EDUCACIONAL DA SOCIEDADE DE SOCORRO DA ESTACA SÃO PAULO PERDIZES
X INSTITUTO DE RELIGIÃO — UM DESTAQUE NA ESTACA PERDIZES
XI NOTÍCIA DE PORTUGAL
XII UM LIXO PRECIOSO
XII O SACERDÓCIO FUNCIONA
XIII O PATRIARCA DO LAR
XIV CONHECER O SALVADOR
XV ENSINAR E APRENDER
XVI PALAVRAS OCULTAS

Legenda da capa: **Joseph Smith em Nauvoo** mostra o Profeta numa época em que a Igreja crescia em poder. Nauvoo, Illinois, tornou-se uma próspera cidade de vinte mil habitantes, antes de Joseph ser morto em Carthage em junho de 1844. Esse quadro pintado por um converso, Theodore Gorka, está colocado no Edifício dos Escritórios da Igreja em Salt Lake City, Utah.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o nº 1151 - P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao *Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP.* Preço da assinatura anual para o Brasil: *Cr$ 200,00* para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea: US$ 10,00. Preço de exemplar avulso em nossa agência: *Cr$ 20,00.* As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta e impressa por Bandeirante S.A. Gráfica e Editora, Rua Joaquim Nabuco, 351 - Fone 4523444 - São Bernardo do Campo - S.P. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração, Av. Prof. Francisco Morato, 2.430.

REVERÊNCIA



Presidente Marion G. Romney

Meu dicionário define *reverência* como "profundo respeito combinado com amor e devoção". Falando de reverência com relação a Deus, esse respeito combinado com amor e devoção assume uma qualidade de devota adoração. Quanto mais alguém ama a Deus, tanto mais terá reverência por ele.

Em nossas reuniões, a reverência estará em proporção direta ao nosso amor a Deus. Sei que tem havido, com alguma justiça, comentários desfavoráveis quanto à ordem em certas reuniões nossas. Devemos todos reconhecer, naturalmente, que precisamos melhorar nesse sentido.

Entre todos os povos do mundo, nós, santos dos últimos dias, deveríamos ter o maior amor a Deus. Deveríamos amá-lo mais do que ninguém, pois sabemos muito mais a respeito dele.

Quem tem profunda reverência pelo Senhor o ama, confia nele, ora a ele, dele depende e é por ele inspirado. A inspiração do Senhor sempre está e continua a disposição de todos os homens que o reverenciam de coração.

Sabemos que Deus responde às orações, porque tem respondido às *nossas*. Ele respondeu às *vossas* e às *minhas*. Sabemos que podemos ir a ele com nossos problemas e ele nos ouvirá com simpatia e compreensão. Sabemos que viemos da presença de Deus e temos o desejo e a esperança de voltar para junto dele e ser como ele é.

Quão maravilhoso é saber essas grandes verdades! O fato de conhecê-las aumenta nosso amor a Deus. Nossa reverência cresce à medida que nosso amor aumenta.

Se amamos o Senhor, o serviremos e guardaremos seus mandamentos. O primeiro mandamento, o maior de todos, diz o Salvador, é: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração... E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo

como a ti mesmo.'' Depois, acrescentou: ''Destes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas.'' (Mat. 22:37,39-40)

O Senhor se refere à lei de Moisés. A expressão ''os profetas'' refere-se aos escritos dos profetas do Velho Testamento a quem os judeus diziam honrar. Portanto, se amamos o Senhor de todo o coração e o próximo como a nós mesmos, guardaremos todos os mandamentos, inclusive, é lógico, a reverência a Deus.

Desejamos que todas as crianças tenham reverência pela casa do Senhor. Entretanto, não conseguiremos induzi-las a ter essa reverência, ordenando-lhes apenas que fiquem quietas. Manter-se quieto na Igreja obviamente acompanha a reverência, mas não é reverência em si. Todavia, quando reconhecemos o prédio no qual nos reunimos como a habitação do Senhor, a quem amamos de todo o coração, não será difícil mostrar-nos reverentes.

Certamente vos lembrais de como Moisés foi ensinado a ter reverência. Enquanto pastoreava as ovelhas de seu sogro, voltou-se para examinar uma sarça que parecia estar ardendo, sem se consumir. Chegando mais perto, ouviu a voz do Senhor vindo da sarça, chamando-o: ''Moisés, Moisés.'' E ele respondeu: ''Eis-me aqui.''

''Não te chegues para cá'', ordenou o Senhor; ''tira teus sapatos de teus pés; porque o lugar em que tu estás é terra santa.'' (Êxodo 3:1-5.)

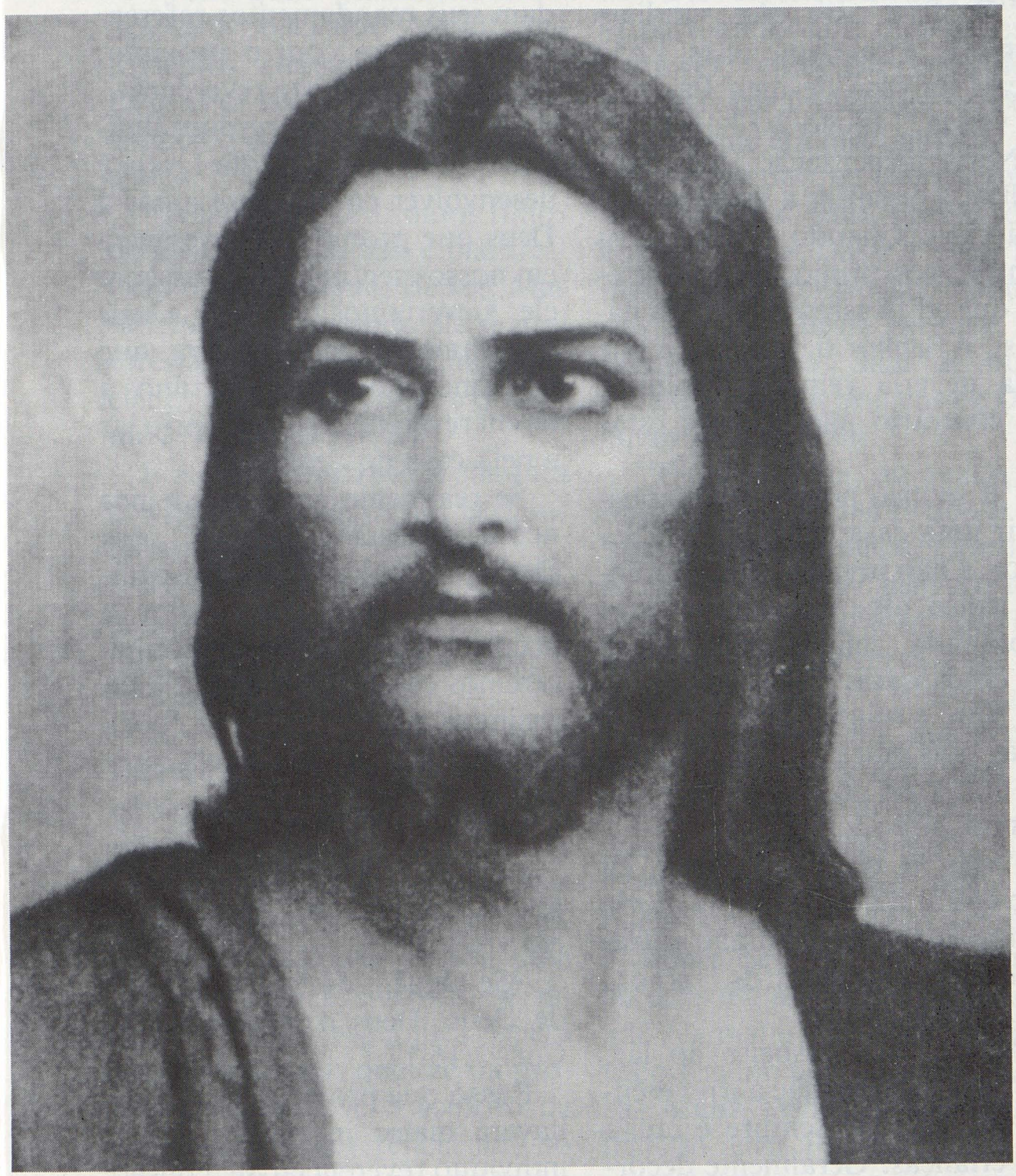
Ali só havia uma sarça em pleno ermo, sem nenhuma construção. Ainda assim era um lugar santo e devia ser reverenciado por causa da presença do Senhor.

Pois bem, a casa do Senhor é a morada do seu Espírito. Por isso, se amamos o Senhor, não haverá nenhuma rudeza de nossa parte em sua casa. Tampouco as crianças se mostrarão mal comportadas, se entenderem e amarem o Senhor de todo o coração. Cabe aos pais a responsabilidade de fazer com que elas venham a compreender e amá-lo assim. Os professores, logicamente, poderão auxiliar os pais.

O Salvador tinha a maior reverência pelo templo de Jerusalém, por ser a casa de seu Pai. Demonstrou seu respeito por ela de maneira bastante dramática. Certa ocasião, quando ''Jesus subiu a Jerusalém... achou no templo os que vendiam bois, e ovelhas, e pombos e os cambiadores assentados.

''E, tendo feito um azorrague

"Se amamos o Senhor, teremos reverência por ele, por sua casa, por nós mesmos e pelo sacerdócio."



de cordéis, lançou todos fora do templo, também os bois e ovelhas; e espalhou o dinheiro dos cambiadores, e derribou as mesas;

"E disse aos que vendiam pombos: Tirai daqui estes, e não façais da casa de meu Pai casa de venda." (João 2:13-16.)

Nesta dispensação, o Senhor voltou a ressaltar a santidade de sua casa. Quando ordenou aos santos, nos primórdios da Igreja, que edificassem uma casa para si, o Senhor deixou claro que nela deveria reinar reverência, do contrário não poderia estar lá.

"E se meu povo a mim construir uma casa em nome do Senhor, e não permitir que nela entre coisa alguma impura para profaná-la, minha glória sobre ela descansará;

"Sim, e minha presença aí estará, pois entrarei nela, e todos os puros de coração que a ela vierem verão a Deus.

"Mas se ela for violada, eu não entrarei nela, e minha glória aí não estará; pois eu não entrarei em templos impuros." (D e C 97:15-17.)

Agora, com respeito ao lar, gostaria de dizer que a irreverência no lar nem sempre é culpa das crianças. Geralmente decorre da conduta dos pais, do fato de não ensinarem devidamente seus filhos ou por não guardarem certos mandamentos do Senhor. No lar em que os pais realmente amam o Senhor e guardam seus mandamentos referentes á conduta com o próximo, quase sempre existe reverência.

Nossa principal responsabilidade como membros da Igreja é desenvolver em nós esse amor a Deus que promove a reverência em nossos sentimentos para com ele. Deveríamos obedecer a seus mandamentos de maneira que possamos induzir nossos filhos a terem reverência pelo próprio lar e pela casa do Senhor.

Se realmente compreendemos nosso relacionamento com Deus, nosso Pai, não conseguiremos ser irreverentes com o próprio "eu", pois nos reconheceremos como filhos dele. Paulo ensinava aos santos de sua época respeito e reverência pela própria pessoa.

"Não sabeis vós", dizia ele, "que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?

"Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá." (I Cor. 3:16-17.)

Penso que provavelmente não haverá maior incentivo para o indivíduo reverenciar-se, conservando limpos seu corpo, mente e

suas ações, do que compreender e apreciar a plena implicação deste pronunciamento do Apóstolo João:

"Vede quão grande caridade nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamados filhos de Deus. Por isso o mundo não nos conhece; porque o não conhece a ele.

"Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifestado o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos." (I João 3:1-2.)

E a seguir descreve a conduta dos que são tocados por esse sublime conceito:

"E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro." (I João 3:3.)

Neste pronunciamento João oferece uma meta muito além da compreensão dos que não conhecem o verdadeiro Deus. A promessa de que quando virmos Deus seremos semelhantes a ele motivará qualquer pessoa com tal esperança a purificar-se do pecado. Essa esperança opera em qualquer um que crê na promessa e promove o espírito de reverência — reverência não só por si, como reverência a Deus e reverência pelo lar.

Gostaria de dizer algo sobre reverência pelo sacerdócio. O Velho Testamento traz um incidente que ilustra o que quero dizer. Diz respeito à atitude de Davi para com Saul, quando este, certa vez, saindo em perseguição a Davi para matá-lo, porque achava que era mais popular entre o povo do que ele, chegou a uma caverna. Saul, porém, desconhecia que Davi e seus homens se encontravam escondidos no fundo dessa caverna. Estando cansado, Saul deitou-se para dormir. Os homens de Davi então lhe disseram:

"Eis aqui o dia, do qual o Senhor te diz: Eis que te dou o teu inimigo em tuas mãos, e far-lhe-ás como te parecer bem aos teus olhos. E levantou-se Davi e mansamente cortou a orla do manto de Saul.

"Sucedeu, porém, que depois o coração doeu a Davi, por ter cortado a orla do manto de Saul." (I Samuel 24:4-5.)

Poder-se-ia pensar que, naquelas condições, Davi cortaria a cabeça de Saul — pois estava ali para matá-lo. Davi, contudo, não fez mal a Saul; simplesmente cortou um pedaço de seu manto. Ainda assim, arrependeu-se de tê-lo feito. Por que? Eis a explicação dele:

"e disse (Davi) aos seus ho-

mens: O Senhor me guarde de que eu faça tal coisa ao meu senhor, ao ungido do Senhor, estendendo eu minha mão contra ele; pois é o ungido do Senhor.

"E com estas palavras Davi conteve seus homens, e não lhes permitiu que se lavantassem contra Saul; e Saul se lavantou da caverna, e prosseguiu seu caminho.

"Depois também Davi se lavantou, e saiu da caverna, e gritou por detrás de Saul, dizendo: Rei, meu senhor! E olhando Saul para trás, Davi se inclinou com o rosto em terra, e se prostrou.

"E disse Davi a Saul: Por que dás tu ouvidos às palavras dos homens que dizem: Eis que Davi procura o teu mal?

"Eis que este dia os teus olhos viram, que o Senhor hoje te pôs em minhas mãos nesta caverna, e alguns disseram que te matasse; porém minha mão te poupou, porque disse: Não estenderei minha mão contra meu senhor."

Por que não?

Porque era "o ungido do Senhor". (I Samuel 24:6-10.)

Parece-me que a conduta de Davi, naquela situação difícil, demonstra uma grande lição de reverência pelo sacerdócio, isto é, reverência pelos portadores do sacerdócio que representam o Senhor.

Se amamos o Senhor, teremos reverência por ele, teremos reverência por sua casa, reverência por nosso lar, por nós mesmos e pelo sacerdócio.

Que tenhamos o amor a Deus em nosso coração e o desejo de transferir este amor para o coração de nossos filhos, para que possam desenvolver a genuína reverência.

Idéias para os Mestres Familiares

1. *Conte uma experiência pessoal sobre a importância da reverência. Peça aos membros da família que compartilhem experiências ou o que sentem com respeito á reverência.*
2. *Este artigo contém versículos das escrituras ou outras citações que a família poderia ler em voz alta, ou conhece alguma outra escritura que gostaria de ler com eles?*
3. *Debata como os membros da família podem demonstrar reverência pelo Senhor, sua casa, pelos líderes do sacerdócio, pelo lar, por si próprios.*
4. *Debata a relação entre amor e reverência, conforme a explanação do Presidente Romney. Por que é verdade que "quanto mais alguém ama a Deus, tanto maior será sua reverência por ele?*
5. *Seria melhor abordar este assunto depois de conversar com o chefe da família, antes da visita? O líder do quorum ou bispo tem uma mensagem concernente à reverência para o chefe da família?*

PERGUNTAS & RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral sobre o evangelho, respondidas para orientação e não como declaração oficial de normas da Igreja.



Leland H. Gentry, instrutor no Instituto de Religião da Universidade de Utah.

P. O que faziam os israelitas com relação à genealogia, bem-estar, obra missionária e família — os quatro principais enfoques de hoje? O que mandava a religião deles?

Como seria de esperar, todo ponto de ênfase do sacerdócio moderno tinha seu correspondente na Israel antiga, variando apenas seu propósito e métodos. Somente a família, então como agora o ponto central da sociedade, parece ter recebido a mesma ênfase de hoje.

A família. Como chefe da família, o pai tinha não apenas a responsabilidade de prover seu sustento, mas era também a autoridade em questões de disciplina e educação. Quando ensinou a Israel a lei e os mandamentos, Moisés admoestou o povo a ensinar essas coisas aos filhos: "E as intimarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te e levantando-te." (Deut. 6:7) O Profeta Léhi, habitante da Palestina por volta de 600 A.C., parece ter levado muito a sério essa admoestação. Néfi conta-nos que foi instruído so-

bre alguma coisa de todo o conhecimento de seu pai. (vide 1 Néfi 1:1.)

A maternidade era igualmente muito honrada pelos antigos israelitas. " Dá-me filhos , ou senão morro", falou Raquel a Jacó (Gên. 30:1; Ana, mãe de Samuel, implorou ao Senhor que a livrasse de sua "aflição" e lhe desse um filho (I Samuel 1:11). A mulher hebréia merecia o máximo respeito do marido e filhos como esposa e mãe.

As crianças eram ensinadas a ouvir a instrução do pai e não abandonar a doutrina da mãe. (Ver Prov. 1:8.) "Honra a teu pai e a tua mãe" (Êxodo 20:12) era mais que um dito comum na antiga Israel; era um mandamento.

Bem-estar. Havia muitos pobres em Israel, como também pessoas generosas e avarentas. Uma lei antiga exigia dos abastados que permitissem que seus campos fossem respigados pelos pobres, viúvas e órfãos. (Ver Lev. 19:9-10; Deut. 24:19-21.) "Ajudai o oprimido, fazei justiça ao órfão, tratai da causa das viúvas" recomendava Isaías (Isaías 1:17), e Zacarias citava o Senhor, dizendo:

"Executai juízo verdadeiro, mostrai piedade e misericórdia cada um a seu irmão;

"E não oprimais a viúva, nem o órfão, nem o pobre, nem intente o mal cada um contra seu irmão em seu coração." (Zac. 7:8-10.)

Evidentemente, naquela época, o bem-estar ia muito além do dar abrigo e comida ao pobre digno. Todos os aptos a trabalhar e sustentar-se, é lógico, deviam fazê-lo. O trabalho honrado era considerado uma grande virtude: "Quem ajunta pelo trabalho terá aumento" (Prov. 13:11); "Em todo o trabalho há proveito" (Prov. 14:23.) "O que trabalha com mão enganosa empobrece, mas a mão dos diligentes enriquece." (Prov. 10:4.) "Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças" (Ecles. 9:10.)

Evitar dívidas e praticar a economia eram igualmente ressaltados. O devedor que não saldasse suas obrigações era considerado ímpio. (Ver Salmos 37:21.) E também o devedor era literalmente servo do seu credor, até que a dívida fosse paga. (Ver Prov. 22:7.) Quanto à economia, frugalidade, Isaías advertia o povo a não gastar "dinheiro naquilo que não (fosse) pão" e a não trabalhar "naquilo que não pode satisfazer". (Isaías 55:2.)

O tempo é valioso, esclarece, devendo ser poupado da mesma forma que o dinheiro.

A despeito dessas recomendações, a antiga Israel tinha sua parcela de problemas sociais. Um meio de socorrer os necessitados era a lei do jejum — quem tinha, jejuava por determinado tempo e doava o alimento economizado ou seu equivalente para os pobres e necessitados. "Porventura não é este o jejum que escolhi?", indaga o Senhor, "...que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desterrados? e, vendo o nu, o cubras, e não te escondas da tua carne?" (Isaías 58:6-7.) A referência à própria "carne" provavelmente serve de lembrete da obrigação de todos de cuidarem da própria família, não importa se pais idosos ou crianças pequenas.

Os estudiosos do Velho Testamento estão familiarizados com o trabalho de José no Egito, estocando na época de fartura para a ocasião de escassez. (Ver Gên. 41:34-36,49.) Igualmente conhecida é a admoestação do Senhor: "Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimentos em minha casa." (Mal.3:10.)

Obra Missionária. Na antiga Israel não se dava muita importância à divulgação da verdade em terras estrangeiras — a obra missionária limitava-se à pregação aos apóstatas em Israel, que, com sua conduta, demonstravam não estar preparados para levar o evangelho a outros em larga escala. De fato, embora o convênio de Deus com o patriarca Abraão englobasse o encargo de abençoar "todas as famílias da terra... com as bênçãos do evangelho" (Abr 2:11), Israel decidiu manter-se um tanto afastada dos não-israelitas. Parte desse isolamento era devido à necessidade; sempre que Israel travava relações mais estreitas com seus vizinhos não-israelitas, passava a casar-se com eles e adotar seus costumes iníquos. Por isso, o Senhor ordenou-lhes que nunca fizessem convênios ou casassem com pessoas de outras nações.

É difícil difundir a palavra de Deus quando se está proibido de conviver com os eventuais conversos. Ainda assim houve exceções. Quando Noemi e Elimeleque foram viver em Moabe, por causa da fome reinante em Belém, seus dois filhos casaram-se com moças moabitas. Pelo menos uma delas converteu-se à vida dos hebreus: "O teu povo é o

meu povo'', disse Rute a Noemi, ''o teu Deus é o meu Deus.'' (Rute 1:16.) Noemi e seus familiares obviamente realizaram certa obra missionária, pois a conversão de Rute foi total e completa. É provável que tenha havido outras conversões individuais, conseguidas por pessoas justas que compartilharam sua fé, mas não temos registro delas.

Que o Senhor queria que Israel indicasse o caminho da verdade ao mundo é óbvio por diversas passagens do Velho Testamento; parece, contudo, não ter havido outras tentativas de converter não-israelitas, exceto no caso do Profeta Jonas. Os profetas de Israel previram, isto sim, a conversão dos gentios em tempos futuros. Isaías profetizou sobre um dia em que os gentios procurariam o ''pendão'' de Israel (Isaías 11:10), e no qual a glória de Deus seria proclamada ''entre as nações'' gentias. Malaquias igualmente previu o dia em que o nome de Deus seria grande entre as outras nações. (Mal. 1:11.)

Genealogia e Ordenanças do Templo. Os antigos israelitas edificavam templos nos quais realizavam ordenanças sagradas. Todavia, é certo que nos tempos do Velho Testamento não se realizavam ordenanças vicárias. Diz o Presidente Joseph Fielding Smith: ''Cristo foi o primeiro a proclamar o evangelho aos mortos, e foi só após sua ressurreição que se concedeu o privilégio do batismo pelos mortos.'' *(Doutrinas de Salvação*, vol. II, cap. 6, p. 113.)

Ainda assim, os antigos israelitas levavam muito a sério a obra genealógica e a manutenção de registros. ''E todo o Israel foi contado por genealogias: eis que estão escritos no livro dos reis de Israel.'' (I Crô. 9:1.) A genealogia era mantida com todo cuidado entre os antigos sacerdotes, membros da tribo de Levi e os da casa de Aarão. Somente os filhos primogênitos de Aarão tinham direito à presidência, e somente sacerdotes e levitas podiam realizar as ordenanças sacrificiais em favor do povo. Portanto, era necessário identificá-los.

Malaquias falou da vinda de Elias para converter ''o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais'', para que a terra não fosse ferida com maldição. (Mal. 4:6.) Ele sem dúvida entendia sua proclamação como a entendemos hoje, pois mencionou também os que, no fim, ficarão sem ''raiz nem

ramo". (Mal. 4:1.) Quando alguém não é selado aos pais nem a sua posteridade, é exatamente esta sua condição — não tem raiz nem ramo.

Os israelitas tinham por costume manter registros. A começar de Adão que mantinha um livro de lembranças (ver Moisés 6:5), vemos os homens conservando relatos de sua própria vida e tempos (ver Moisés 6:46; Abraão 1:31). Posteriormente, encontramos certos homens especificamente designados como registradores. Davi, por exemplo, designou "alguns dos levitas" para a tarefa de manter os anais de Israel. (I Crô. 16:4.) Mais tarde ainda, empregaram escribas profissionais para escrever e interpretar o que havia sido escrito. Esdras, autor do livro que leva seu nome, era um deles. (Ver Esdras 7:11.)

É particularmente interessante notar que na primitiva Israel se mantinha a genealogia familiar. Em todo o Velho Testamento encontramos extensas listas genealógicas; contudo, depois de retornarem do cativeiro, os judeus se dedicaram mais seriamente ainda a essa tarefa. Esdras apresenta um relato minucioso de Israel por famílias. (Ver Esdras 2, 8; também Neemias 7:5-64.) Faz também menção específica ao "livro de crônicas de teus pais" (Esdras 4:15), que nos lembra a declaração de Abraão de que tinha em suas próprias mãos "os registros dos pais, mesmo os patriarcas, concernentes ao direito do sacerdócio", e que seu empenho em escrever algumas coisas era "para benefício de minha posteridade que virá depois de mim". (Abraão 1:31).)

Está claro, pois, que pelo menos a família, o bem-estar e a obra genealógica eram parte tão importante da religião da antiga Israel como hoje.

A religião pura, obviamente, é uma questão de foro íntimo. Moisés ensinava ao povo de sua época: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu poder." (Deut. 6:5.)

O autor de Provérbios prescrevia:

"Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes em teu próprio entendimento.

"Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas." (Prov. 3:5-6.)

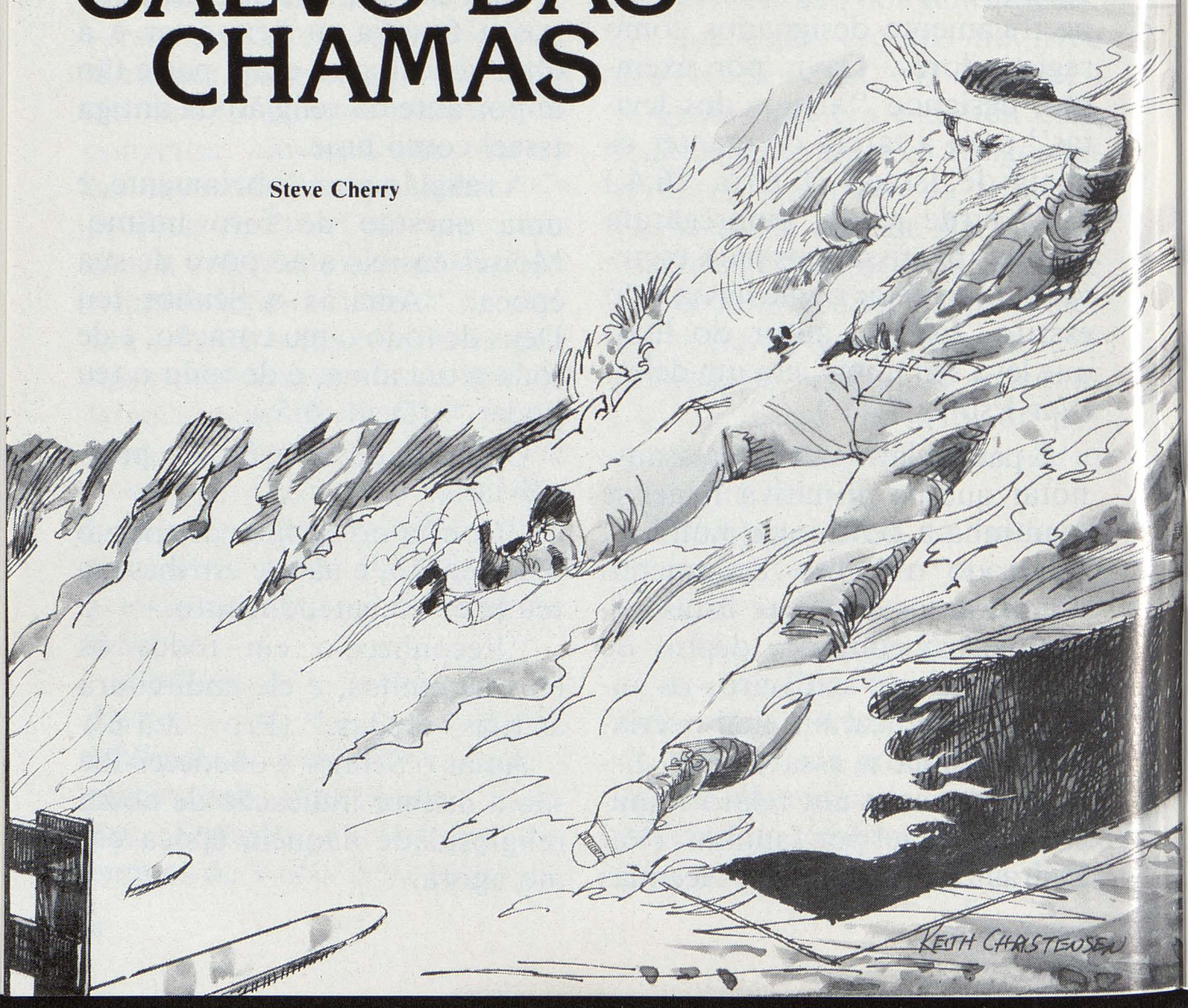
Amar o Senhor e obedecer-lhe são a melhor indicação de nossa religiosidade naquéla época como agora.

Nos meses seguintes ao meu batismo, tornei-me dependente do Espírito para orientação, recordando com freqüência as palavras de Morôni: "E pelo poder do Espírito podeis saber a verdade de todas as coisas ... não negueis o poder de Deus, porque ele obra com poder, de acordo com a fé dos filhos dos homens." (Morôni 10:5,7.) Não demorei a descobrir quão fracos realmente somos sem esse auxílio.

Num dia de janeiro de 1978, ocupava-me com meu trabalho na fábrica, quando meu chefe pediu a mim e mais dois outros, que fôssemos trabalhar na seção de enfardamento, onde papelão usado é prensado em fardos, e são destruídos produtos avariados ou obsoletos. Um dos homens ajudava-me a enfardar papelão, enquanto o outro se pôs a prensar 2 500 latas de aerosol. O recinto ficou repleto de gases. Às 8h20 chegou uma empilhadeira para carre-

SALVO DAS CHAMAS

Steve Cherry



gar alguns dos fardos.

Eu me encontrava a pouco mais de meio metro da empilhadeira, quando o operador desta fez avançar os garfos. De repente, pareceu que alguém ligara um lança-chamas. As primeiras labaredas saltaram de debaixo da empilhadeira e, instantaneamente, o recinto inteiro estava em chamas. Fui lançado num poço de três metros de profundidade por dois e meio de comprimento e oitenta centímetros de largura, com a roupa toda incendiada. Então explodiram duas mil e quinhentas latas de aerosol, levando tudo pelos ares.

Logo percebi que estava morrendo. Subitamente, senti uma grande força interior. Agarrando-me à enfardadeira, comecei a tentar sair do poço em chamas. A enfardadeira estava estalando de quente, e sempre que me agarrava nela, queimava atrozmente as mãos. Mesmo assim continuei a subir, sustentado por aquela força interior. Minhas roupas foram virtualmente reduzidas a cinzas pelas chamas.

O recinto inteiro era só destroços, e não consegui ver nenhum de meus companheiros. Continuei repetindo Morôni 10:5-7, passagem na qual aprendera tanto a confiar. Finalmente descobri na parede uma brecha aberta pela explosão e me lancei através dela. Mais tarde, alguém me contou que enquanto estava passando por aquela brecha a parede inteira desmoronou, sem que nenhum dos blocos de concreto me atingisse. Um dos homens na rampa abriu uma porta, deixando-me entrar no corpo principal da fábrica. Não vi os outros três homens, mas soube mais tarde que conseguiram escapar pelos fundos. Um dos empregados, ex-marinheiro, treinado em primeiros socorros, ficou comigo.

Quando a ambulância chegou, fui levado imediatamente para um centro hospitalar de queimados, onde diversos atendentes me livraram dos restos de roupa e depois aplicaram ataduras molhadas. O médico disse que sofri queimaduras de segundo e terceiro graus em quarenta e três por cento da superfície do corpo. Terminados os primeiros exames, eu disse:

— Sou mórmon. Gostaria de receber uma bênção.

Naquela mesma tarde, dois missionários me administraram; à noite, o bispo, o mestre familiar e um bom amigo deram-me outra bênção, prometendo que eu viveria, recuperaria o pleno uso das mãos e ficaria bom muito depressa. A força interior que sentira, enquanto estava no poço em chamas, voltou e permaneceu comigo.

Por duas vezes quase morri, sempre porém estando em paz comigo mesmo. Creio que foi em virtude da bênção recebida. Passados quinze dias, comecei a melhorar e recuperar-me milagrosamente. Dois dias antes da data marcada para o início dos enxertos de pele no punho e na mão direita, o enfermeiro removeu os curativos e disse que minha mão estava praticamente cicatrizada; formara-se pele onde achavam que seria impossível isso acontecer. Chegando o médico, disse:

— Deixe-me ver essa mão milagrosa, — externando seu assombro com tão rápida cicatrização. Em cinco semanas tive alta do hospital — mais ou menos metade do tempo previsto.

Sei que a força interior que recebi foi o poder do Espírito Santo, e esse poder foi que me curou. Sem ele certamente teria sucumbido em meio às chamas.

"ABRI VOSSA BOCA"

Joe J. Christensen



"Imaginem o que aconteceria nos próximos vinte anos se ajudássemos uma pessoa por ano a encontrar a verdade."

Em 1970, ao chegarmos à Cidade do México, onde eu ia servir como presidente de missão, recebemos a visita dos presidentes Joseph Fielding Smith, Nathan E. Tanner e Spencer W. Kimball e esposas para nossa primeira conferência missionária. Depois da conferência, ao levar o Presidente e Irmã Kimball para seu hotel no centro da cidade, paramos num posto de gasolina para reabastecer o carro. Nisto aproximou-se uma mulher índia descalça, com seu bebê no "reboso" ou xale azul, querendo vender-nos uns pacotinhos de goma de mascar. Comprei alguns, ela agradeceu e dirigiu-se para o carro atrás do nosso. Neste ponto, o Presidente Kimball me ensinou uma valiosa lição em sua maneira calma e bondosa.

— Presidente, — disse — não seria bom que essa irmã soubesse quem somos?

Bem, diante de tal incentivo, achei que "seria bom" mesmo fazê-la saber que éramos representantes de Jesus Cristo. Descendo o vidro, chamei-a de volta. Comprei mais algumas gomas de mascar e depois apresentei-a ao Presidente e à Irmã Kimball, explicando que ele era um membro do Quorum dos Doze Apóstolos de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Perguntei se já ouvira falar da Igreja "Mórmon"; ela disse que sim. Morava num subúrbio da Cidade do México e já vira os missionários — "os moços de camisa branca". Recomendei-lhe que, na próxima oportunidade, não deixasse de ouvir a mensagem que tinham para ela. Ela prometeu que o faria.

Embora não saiba se ela de fato aproveitou a oportunidade de aprender mais a respeito do evangelho, reaprendi que nós, santos dos últimos dias, devemos fazer com que os outros saibam quem somos — particularmente quem representamos.

Disse o Senhor:

"Sim, na verdade, na verdade vos digo que o campo já está branco, pronto para a ceifa; portanto, lançai vossa foice e ceifai com toda vossa força, mente e poder.

"Abri vossa boca e ela se encherá, e vos tornareis como Néfi de outrora, que de Jerusalém viajou pelo deserto.

"Sim, *abri vossa boca* e aplicai-vos, e vossas costas estarão carrega-

das de molhos, pois eis que estou convosco.

"Sim, *abri vossa boca* e ela se encherá, dizendo: Arrependei-vos, arrependei-vos e preparai o caminho do Senhor, endireitai suas veredas; pois está perto o reino dos céus." (D e C 33:7-10; grifo nosso.)

É interessante que o Senhor nos mande abrir a boca três vezes em versículos sucessivos.

Nem sempre é fácil "proclamar" o evangelho "a todo o povo entre o qual (nos) seja permitido" achar (D e C 19:29), pois muitas vezes somos tímidos, e iniciar uma conversa com estranhos pode ser uma tortura. Todavia, é uma das mais importantes coisas que podemos fazer, se quisermos que a mensagem seja levada a todo o mundo. Aconteceriam verdadeiros milagres, se apenas *abríssemos a boca.*

Imaginem o que aconteceria nos próximos vinte anos, se ajudássemos uma pessoa por ano a encontrar a verdade, e depois a encorajássemos a fazer o mesmo. O índice de crescimento da Igreja seria extremamente acelerado.

Recentemente descobri o que pode representar uma taxa de crescimento exponencial. Encontrava-me em visita a um colega ex-missionário, atualmente professor de matemática na BYU, que realizou alguns cálculos interessantes do que acontecerá com a população da Igreja, se seus índices de crescimento se mantiverem constantes nos próximos vinte anos. Mostrou-me que, caso o atual índice de crescimento da Igreja em determinado país continue durante os próximos vinte anos, haverá ali mais de três milhões de membros no ano 2000.

Posteriormente, fiz alguns cálculos suplementares. Se apenas cem membros da Igreja compartilhassem o evangelho anualmente com uma pessoa, que por sua vez o compartilharia com outra pessoa em todos os anos subseqüentes, em vinte anos a Igreja teria mais de cem milhões de membros novos. É isto que acontece quando as taxas de crescimento são aceleradas. E mesmo se uma única pessoa trouxesse outra para a Igreja todos os anos, e estas fizessem o mesmo, haveria 1.048.576 membros novos na Igreja em vinte anos.

Agora ficou mais fácil entender por que o Presidente Kimball acha que, como membros da Igreja, não devemos pensar em termos de centenas de milhares de conversos nos anos futuros, mas em termos de milhões que podem aprender o evangelho e colher seus benefícios. Poderíamos ajudar tanto, simplesmente fazendo as pessoas saber quem elas são. E muitas vezes não precisamos fazer mais que simplesmente *abrir a boca.*

No verão de 1969, minha mulher, Barbara, e eu fomos a um espetáculo de "luz e som" em Roma, na Itália. Chegamos cedo e, sabendo que iríamos ficar sentados por umas

duas horas, permanecemos de pé junto a nossa cadeira. Atrás de nós encontravam-se quatro senhoras, duas delas freiras católicas. Tivemos uma conversa muito agradável com elas; eram pessoas encantadoras. (Na verdade, nunca encontrei uma religiosa católica que não fosse excelente pessoa. Gostaria de que todas elas estivessem em alguma Sociedade de Socorro.)

A seguir, conversamos com as duas outras moças universitárias, e soubemos que eram americanas viajando pela Europa nas férias de verão. Perguntamos o que pretendiam fazer, quando voltassem para casa. Uma delas, chamada Cathy, disse que gostaria de fazer um curso de pós-graduação e estava pensando em fazê-lo na Universidade de Utah.

Se for para lá, — eu lhe disse —, não deixe de nos avisar, e a convidaremos para jantar lá em casa. Você poderia conhecer nossa família e depois lhe mostraríamos a Universidade e a Cidade de Lago Salgado.

Francamente, eu havia esquecido completamente nossa conversa, quando em agosto fui chamado ao telefone e ouvi a voz de Cathy. Convidei-a para jantar, ela veio e conheceu nossa família e depois fizemos conforme o combinado. Soubemos que ela decidira fazer o curso de pós-graduação na Universidade de Utah.

Na primavera seguinte, fomos chamados para uma missão no México e perdemos contato com ela, exceto por um cartão de Natal recebido todos os anos. Passados uns três anos, ela escreveu no verso do cartão de Natal: "Achei que gostaria de saber que estou lecionando dança na Universidade Brigham Young. Em agosto passado fui batizada na Igreja e isto fez toda a diferença!" Desde aí, ela se casou no templo, está criando e ensinando sua própria família e continua plenamente ativa na Igreja.

Quando fomos presidir a Missão Cidade do México, no México, fazia quase vinte anos que eu ali servira como missionário. Sentia-me entusiasmado em poder rever o povo ao qual tanto me afeiçoara. Queria rever particularmente Cuernavaca, Morelos, uma linda cidade onde labutara como missionário. Queria saber se as pessoas maravilhosas que compunham o pequeno ramo anos atrás ainda continuavam vivas e ativas na Igreja. Queria que conhecessem minha família e que esta também viesse a conhecê-las.

Agradou-me saber, pouco depois de chegarmos, que havia uma conferência de distrito programada em Cuernavaca. Fizemos questão de chegar bem cedo, para termos oportunidade de conversar informalmente com as pessoas. Foi uma experiência comovente trocar calorosas saudações mexicanas com as excelentes pessoas que conhecera anos atrás. A saudação inclui um

abraço e uma pancadinha nas costas, e fomos de um em um. Entre os que saudamos, havia uma senhora grisalha que deveria ter uns setenta e poucos anos. Depois do nosso abraço, ela perguntou:

— Lembra-se de mim?

Fiquei embaraçado por não reconhecê-la e procurei desculpar-me:

— Sinto muito, senhora, mas não me lembro —, ao que ela retrucou:

— Pois *deveria*; foi o senhor quem me converteu.

Meu embaraço aumentou. Os conversos não foram tantos naqueles tempos, e pensei que me recordava de todos eles. Ela disse:

— Não se lembra do dia em que fomos de *turismo* (um mini-ônibus), da Cidade do México para Cuernavaca?

Então me lembrei! Eu fora encarregado de levar uma mensagem do escritório da missão para os élderes que trabalhavam em Cuernavaca, e viajei sentado ao lado daquela senhora. Ela perguntou o que eu fazia no México, tivemos um bate-papo sobre a Igreja, eu lhe dei o cartão com as Regras de Fé, e ela deu-me seu nome e endereço com a permissão de passá-los aos missionários em Cuernavaca. Três meses mais tarde, ela e alguns de seus filhos adultos batizaram-se na Igreja. Ela tornou-se presidente da Sociedade de Socorro do ramo, e durante todos os anos subseqüentes fora um membro fiel da Igreja.

Convidada a prestar testemunho numa das reuniões do distrito ela falou: "Se me tivessem convidado para batizar-me no primeiro dia em que ouvi falar do evangelho, eu me teria batizado, pois sabia que ele era verdadeiro."

O fato é que não convertemos ninguém pessoalmente. A conversão se dá pelo Espírito. Jamais saberemos quando o Espírito testificará àqueles com quem falamos; nossa responsabilidade é simplesmente criar as condições para o Espírito poder testificar a veracidade do evangelho.

Pouco depois de retornar da Missão da Cidade do México, fui convidado a acompanhar o Élder Boyd K. Packer que ia supervisionar o Sistema Educacional da Igreja no México. Chegando lá na quinta-feira, ficamos em reunião praticamente contínua durante a sexta-feira e o sábado; a seguir, o Élder Packer presidiu uma conferência de estaca. No domingo à noite, estávamos todos exaustos. O Élder Packer partiu para casa, enquanto eu permaneci para, na segunda-feira, dirigir uma reunião com os supervisores dos Seminários e Institutos de Religião.

Segunda-feira de manhã, saí do hotel e tomei um táxi para a casa da missão. Sentado no banco de trás, fiquei verificando alguns papéis quando, por acaso, meu olhar caiu sobre o motorista. Meu primeiro

pensamento foi: "Estou ocupado. Estou cansado. E além do mais, provavelmente não tem o mínimo de interesse no evangelho." Contudo, minha racionalização não me satisfez, particularmente quando me lembrei da experiência com o Presidente Kimball e da senhora com quem viajara de ônibus da Cidade do México para Cuernavaca. Finalmente, perguntei ao motorista:

— *Señor, siempre ha vivido aqui em México?*

— Não, senhor, — respondeu. — Eu sou de Oaxaca.

— Gosta mais daqui, da Cidade do México que de Oaxaca?

— Eu gosto mais de Oaxaca que daqui, mas sabe, tenho oito filhos. Meu filho mais velho está estudando engenharia no Instituto Politécnico daqui e irá formar-se este ano. O segundo também quer ser engenheiro e se formará no ano que vem. Minha filha mais velha está estudando contabilidade.

Pude perceber que sentia grande orgulho dos filhos. Depois, voltando-se para trás, indagou:

— E o senhor, o que faz aqui na Cidade do México?

— Estou aqui cuidando de um assunto especial para A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Já ouviu falar nessa igreja?

Franzindo a testa, ele quis saber:

— É algum tipo de Igreja Católica?

— Não, — repliquei. — Na verdade é totalmente diferente. Nós cremos que, quando esteve aqui na terra, Jesus organizou sua igreja exatamente como queria que fosse. Mas, no decorrer do tempo aconteceu um afastamento, uma apostasia. Então chegou a hora em que o Senhor achou por bem revelar-se novamente a profetas vivos e restaurar sua igreja na terra.

Esta explicação tão simples não levou mais que cinco minutos. Recostei-me no banco, satisfeito por haver "aberto a boca".

Então, de repente, ele diminuiu a marcha, voltou-se para trás e disse:

— Poderia ir até lá em casa e explicar a minha família um pouco mais sobre este assunto?

— Seria um grande prazer, — respondi, — mas meu avião parte às 14 horas. Se dispuser de três minutos quando chegarmos ao nosso destino, vou apresentá-lo a um amigo que, estou certo, arranjará alguém para ir visitar sua família.

— Bem, — retrucou, — estou comprando meu táxi e posso dispor do tempo como quiser.

Até chegarmos à casa da missão, tive tempo de falar-lhe a respeito de nosso programa missionário e como este funciona. Depois de estacionar o carro, entramos juntos na casa da missão, onde apresentei Hernán Velásquez ao Presidente Eran Call, que o recebeu com toda gentileza. Enquanto conversávamos, o Presidente Call olhou pela

janela e exclamou surpreso:

— Ora, os élderes que estão chegando são justamente os que trabalham em seu bairro!

Assim, tive o privilégio de ver Hernán Velásquez encontrar-se com os élderes que no domingo seguinte iriam visitar sua família. Semanas mais tarde recebi uma carta do Presidente Call, dizendo: "Achei que gostaria de saber o que aconteceu com o motorista de táxi que o trouxe à casa da missão outro dia. Os missionários estão se reunindo com ele, seu cunhado e respectivas famílias. No domingo passado onze pessoas dessas duas famílias compareceram às reuniões da Igreja. A notícia mais emocionante é que os dois mais interessados são os filhos que estudam engenharia."

Voltei à Cidade do México seis meses mais tarde, onde soube que, embora o motorista não se tenha filiado à Igreja, os dois rapazes, futuros engenheiros, haviam-se batizado e eram agora sacerdote e mestre.

Gostaria de saber o que aconteceu com os demais.

Estou convicto de que, se realmente seguíssemos a recomendação dos profetas, todos nós, sem exceção, seríamos missionários em todas as oportunidades; faríamos tudo o que pudéssemos para encaminhar pessoas aos missionários. E incentivaríamos todos os que foram ensinados a encontrarem outras pessoas para ouvir o evangelho. Assim fazendo, não se somariam apenas centenas de milhares de novos membros à Igreja todos os anos, mas milhões — e finalmente, bilhões.

O evangelho é a mensagem mais preciosa que podemos compartilhar com outra pessoa. "Não seria bom que essa irmã (ou irmão) soubesse quem somos?"

CINCO MILHÕES DE MÓRMONS — A Igreja alcançou o marco de cinco milhões de membros. A imagem de cinco milhões reflete um crescimento de 25 por cento desde 1978 e um aumento de 150 por cento desde 1963, quando havia dois milhões de santos dos últimos dias no mundo. Organizada em 6 de abril de 1830, com seis membros, levou 117 anos para alcançar a marca de um milhão, em 1947. Dois milhões de membros estavam registrados em 1963, três milhões em 1971, e quatro milhões em 1978. Uma análise geográfica dos SUD: Estados Unidos 3.503.000; América do Sul 431.000; México 276.000; Pacífico Sul 215.000; Ásia 155.000; Grã-Bretanha 128.000; Europa e Escandinávia 114.000; Canadá 103.000; América Central 63.000, e África 12.000.

A CARTA

Mary Johansen

Era a carta mais difícil que jamais escrevera. Não sabendo como seria recebida, eu lutava por encontrar as palavras certas.

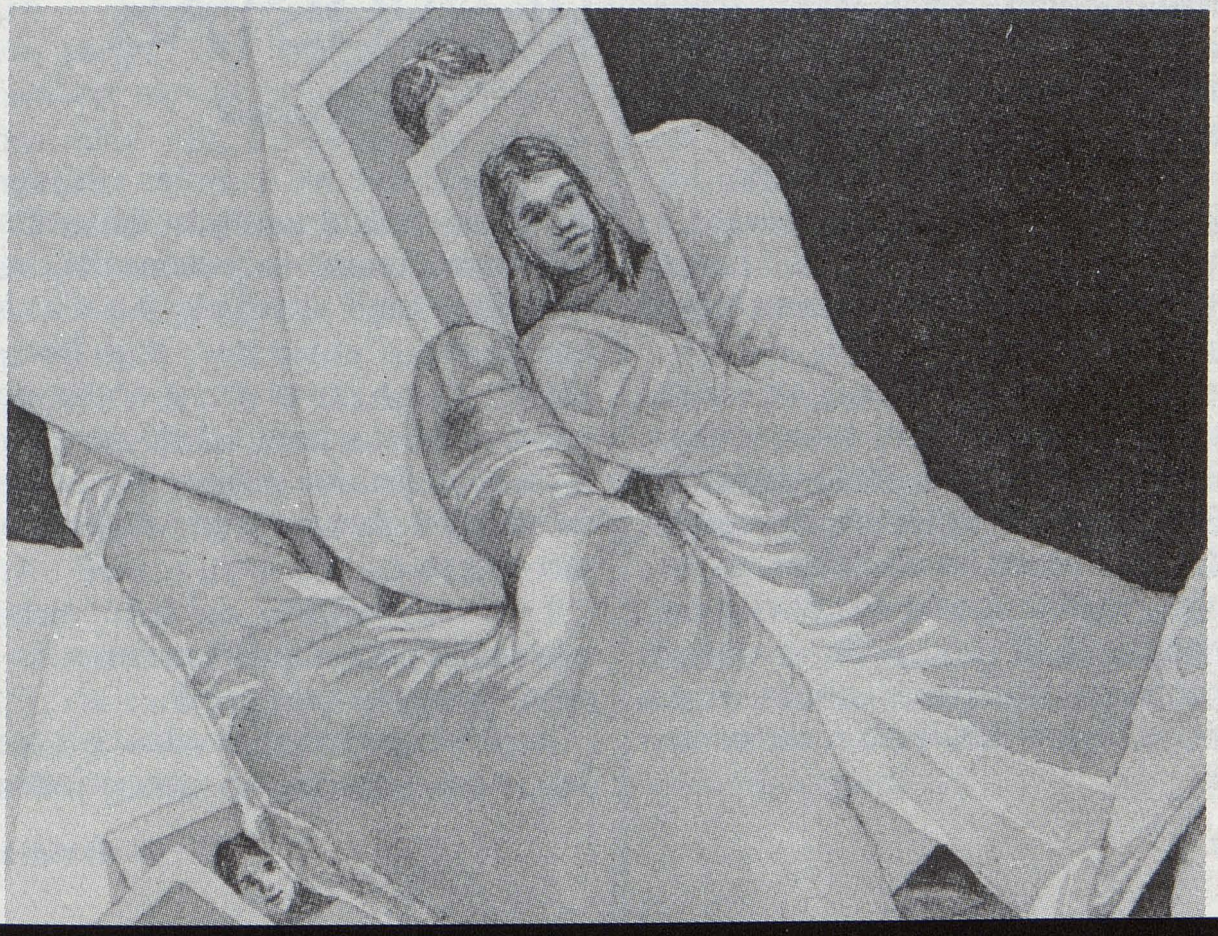
Fazia cinco anos que não tinha contato com a mãe de meu ex-marido. Eu havia casado de novo e queria oferecer o amor de quatro crianças a sua avó que nunca mais as vira ou delas tivera notícias.

"Faça o que acha que deve fazer", comentou meu marido, não muito entusiasmado com a idéia. "Não reabra velhas feridas", aconselhou-me mamãe.

Mas havia alguma coisa que me induzia a fazê-lo — uma voz diferente que dizia: "Você precisa informá-la de que seus únicos netos estão vivos e felizes."

Acabei escrevendo a carta. Sugerindo deixarmos de lado o passado, falei de futuros encontros com seus queridos netos e amizade com nossa família. Nela incluí fotografias das crianças.

Vovó June estava no hospital quando a carta chegou. Submetida a uma intervenção cirúrgica, contraíra uma infecção pós-operatória que estava retardando sua recuperação e dera início a profundo estado depressivo. Sua vida não fora feliz e ninguém ficou muito surpreso



ao vê-la perder a vontade de viver. Os dias iam passando com ela deitada ali, sem ligar para nada.

Bill, o marido, levava-lhe as cartas e cartões quando chegavam, mas não conseguia despertar seu interesse. Alguns dias antes do Dia de Ação de Graças, um sacerdote ministrou-lhe a extrema-unção. Eram mínimas as esperanças de que se recuperasse.

Naquele dia, quando Bill lhe trouxe a correspondência, June demonstrou interesse por uma das cartas. Ele a abriu, esparramando as fotos das crianças sobre a cama. Os dois procuraram pegá-las ao mesmo tempo. Bill as beijou seguidamente, enquanto June estava fraca demais para ir além de olhar e chorar.

Mais tarde, naquele mesmo dia, ela disse à surpresa enfermeira:

— Estou com fome. Por favor, traga-me alguma coisa para comer, sim?

Recuperada a vontade de viver, depois de muitos dias June voltava a sentar-se na cama. Não demorou muito tempo, ela estava em condições de responder à minha carta. Estava radiante com as notícias das crianças, feliz por poder esquecer problemas passados e entusiasmada com a possibilidade de rever os netos.

No verão seguinte, fomos até a Pensilvânia visitar June e Bill, gozando juntos o grande dom de amor e gratidão. Não sei se foi minha carta que salvou sua vida mas sei que foi o Espírito do Senhor que me induziu a escrevê-la. Sou profundamente grata por ter sido instada pelo Espírito a fazê-la quando senti vontade de desistir.

JOGO DE PERGUNTAS E RESPOSTAS

Nola Carlson

Desde que as reuniões conjuntas nos domingos deixaram mais tempo livre nesse dia, inventamos uma atividade familiar a que demos o nome de "Jogo Mórmon". O objetivo é responder ao maior número possível de perguntas a respeito dos discursos e hinos da reunião sacramental. As regras são simples:

1. Cada membro da família escreve uma pergunta e respectiva resposta numa tira de papel.

2. As perguntas são todas colocadas num recipiente apropriado.

(Nós usamos a poncheira de porcelana azul da vovó.)

3. O membro da família que se mostrou mais reverente nas reuniões da Igreja tem o direito de sortear e fazer as perguntas. (Se houver alguma criança pequena, um adulto poderá ajudar.)

4. Toda resposta correta faz jus a um ponto. Em caso de perguntas repetidas, as crianças menores respondem.

Parece simples, mas procure lembrar-se do primeiro hino ou quem foi citado nominalmente na primeira oração. Talvez tenha havido apoio a um novo oficial ou professor — como se chama e qual é o novo cargo? As perguntas podem também ser de caráter doutrinário, baseadas nos discursos da sacramental.

Passadas poucas semanas depois de iniciarmos esse jogo, a reverência de nossa família na reunião sacramental melhorou extraordinariamente. E não levou muito tempo para desenvolvermos uma nova percepção e outra maneira de ouvir.

Pergunta: O que foi que o Irmão Santos disse que nossa ala precisa?

Resposta: De mais membros. (Havia sido uma sacramental dedicada à obra missionária.) Elsinha, nossa garota de quinze anos, acrescentou:

— Esta é a resposta, mas e nós, o que estamos fazendo a respeito?

E assim nos vimos planejando um serão com não-membros.

Pergunta: Qual a reserva de mantimentos que toda família deve ter?

Resposta: Uma reserva suficiente para, pelo menos, um ano. (Pai, — quis saber nosso filho mais velho, — nós temos isso?) Uma nova oportunidade de reavaliação.

Pergunta: Qual foi o maior desafio de Alma?

Resposta: Ajudar o filho pecador. Meu marido e eu nos encaramos, recordando as vezes que havíamos orado pelos filhos, enquanto eles procuravam firmar seu testemunho. Lembro-me perfeitamente das lágrimas que marejaram os olhos de um dos filhos, ao olhar para os irmãos e irmãs e dizer mansamente: "— Foi o que papai e mamãe fizeram por mim."

Depois prestou testemunho à família e, naquele momento, nossos corações transbordaram de alegria.

Maior reverência, conhecimento, prazer e espiritualidade tem sido a recompensa dessas nossas noites de domingo. Na verdade, todas as semanas aguardamos ansiosamente nosso "Jogo Mórmon" para usufruir mais uma vez o espírito da reunião sacramental.

PERSPECTIVA FEMININA DO SACERDÓCIO

Patrícia T. Holland



Num serão para as mulheres da Igreja, o Presidente Kimball disse que "tivemos total igualdade como seus filhos espirituais". Mas acrescentou: "Dentro dessas grandes garantias, contudo, nosso papel e designações diferem." (*A Liahona,* março de 1980, p. 152.)

Acredito que cada um de nós tem uma missão específica a cumprir nesta terra, e tomo a liberdade de parafrasear um pouco Doutrina & Convênios 121:25: "Pois a cada homem (e mulher) é designado um tempo, de acordo com suas obras."

E Doutrina & Convênios 46:11-12: "Pois nem a todos são dados todos os dons; pois há muitos dons, e a cada homem (e mulher) é dado um dom pelo Espírito de Deus.

"A alguns é dado um, a outros é dado outro, para que todos sejam assim beneficiados."

Creio que fizemos promessas sagradas nos conselhos pré-mortais, com respeito ao nosso papel na edificação do reino de Deus na terra. Em troca, foram-nos prometidos os dons e poderes necessários ao cumprimento dessas tarefas especiais. Gostaria de, mais uma vez, citar o Presidente Kimball: "Lembrai-vos, no mundo antes deste, foram dados certos encargos às mulheres fiéis, enquanto os homens fiéis foram preordenados para certos deveres eclesiásticos... Vós sois responsáveis pelas coisas que há muito são esperadas de vós, exatamente como aqueles que apoiamos como profetas e apóstolos o são também." (*A Liahona,* março de 1980, p. 152.) Creio igualmente que esses encar-

gos e papéis diferem tanto de mulher para mulher, como de homem para homem.

Todos nós fomos ensinados a seguir certos modelos. É bom ter alguém para erguer o olhar. Todavia, existe o grande perigo de querermos ser muito iguais à outra pessoa. Então passamos a sentir um ciúme competitivo e derrota pessoal. Não existem duas pessoas iguais. A certas mulheres são dados muitos filhos, a outras poucos, e a algumas nenhum. Muitas mulheres exercitam seus dons e talentos apoiando o marido em seu trabalho como líder comunitário ou empresarial, presidente de estaca, bispo ou autoridade geral, e incentivando os filhos a desenvolver-se. Outras mulheres usam seus dotes e talentos diretamente como líderes. Outras ainda, fazem-no tanto indireta como diretamente, servindo assim em caráter duplo. Todos sabemos que havia uma enorme diferença entre os encargos de Mary Fielding Smith e Eliza R. Snow. Ainda assim, ambas procuraram cumprir a vontade do Senhor. Ambas procuraram casar-se e ter família. Ambas deram tudo o que tinham ao reino.

Parece claro, pois, que nossa tarefa suprema é viver tão dignamente a ponto de saber, passo a passo, qual é a vontade do Senhor para nós, lembrando-nos de que ocasionalmente o que queremos fazer hoje devido às tendências e veleidades do mundo talvez não seja o que prometemos há muito tempo atrás. Devemos estar dispostas a viver e orar como Maria, mãe de Jesus, quando disse ao anjo que acabava de fazer-lhe uma designação: "Cumpra-se em mim segundo a tua palavra." (Lucas 1:38.)

Vou dar um exemplo pessoal. Algumas casas adiante da nossa, mora a Irmã Ardeth Kapp, ex-conselheira da presidência geral das Moças e que sabiamente contribuiu em muito para o reino de Deus. Ela é uma das mulheres mais puras, bondosas e fortes que conheço. Seu marido, Heber, é uma grande força como nosso presidente de estaca. O casal ainda não foi abençoado com filhos. Algumas casas para o lado oposto, vive Joan Quinn, também

uma das mulheres mais puras, bondosas e fortes que conheço. Ela exerce uma grande influência sobre todos os que a conhecem. Ed, seu marido, é um homem brilhante e capaz — mais uma influência constante e inspiradora em nossa vida. Os Quinn foram abençoados com doze filhos. Meu marido e eu fazemos o que está ao nosso alcance pelo reino. Nós fomos abençoados com três filhos.

Algumas mulheres que conheço ainda não foram abençoadas com um companheiro. Contudo, elas também estão edificando o reino dia a dia, e abençoando-me pessoalmente pela convivência com elas. Quatro exemplos diferentes são Carolyn Rasmus e Marilyn Arnold, a quem quero muito como amigas; Randi Greene, a talentosa secretária de meu marido, que tem contribuído para nossa vida pessoal e profissionalmente; e a enfermeira que há pouco tratou de mim após séria operação e complicações quase fatais. Obviamente, a lista de mulheres que me abençoam e abençoam a Igreja é infindável. O que quero dizer com tudo isso é que Ardeth, Joan, Carolyn, Marilyn, Randi e Pat são muito, muito diferentes entre si. Atualmente, todas desempenhamos papéis diferentes na vida. E esses papéis quem sabe mudarão nos anos vindouros. Todas nós temos de querer as coisas certas, buscar as coisas certas e dar tudo o que temos para o reino com os olhos fitos na glória de Deus e nos convênios que com ele fizemos.

Logicamente, para isso temos de viver achegadas ao Espírito pela oração, estudo e uma vida justa, a fim de evitar as distrações e objetivos mais egoístas, capazes de frustrar os desígnios do Senhor para nós, e nos levar a abandoná-los. Porque, quando isto ocorre, acredito que nos sentiremos frustradas e abandonadas, e não acharemos a paz e a segurança provenientes do cumprimento da missão que nos foi confiada. Seja qual for nosso papel, devemos procurar conhecê-lo através de uma vida reta e revelação pessoal. Não podemos confiar no braço da carne nem nas filosofias dos homens — ou mulheres. Precisamos ter nossa própria liahona. Isto é exatamente o que o Senhor espera dos portadores do sacerdócio.

Na verdade, o que quero é ressaltar que devemos apreciar as diferenças — não só de homem para mulher, mas de uma mulher para outra. Ao debater a relação das mulheres com seus encargos especiais, e dos homens com seus deveres eclesiásticos, acho muito mais proveitoso falarmos de obrigações e responsabilidades que de "direitos". Francamente, estou cansada das lutas pelos direitos, movimentos em prol de direitos — sejam masculinos, femininos ou outros quaisquer. Por isso vou falar de obrigações e cito, como fonte, estas impressionantes linhas de Alexandre Solzhenitsyn:

"É tempo, no Ocidente, de defender não tanto os *direitos* humanos como as *obrigações* humanas." ("A World Split Apart", *National Review,* 7 de julho de 1978, p. 838; grifo nosso.)

Acredito que, se corresponder-mos às nossas responsabilidades, nossos direitos cuidarão de si mesmos — sejamos homem ou mulher. Enquanto eu apoiava meu marido em seus estudos superiores na Universidade de Yale, um vizinho que fazia estágio logo após ter-se diplomado em psiquiatria comentou certo dia que eu estava demonstrando claros sinais de exaustão. Jeff, na ocasião, não era apenas um atarefado estudante tentando terminar um curso de quatro anos em três, mas servia na presidência da estaca e, para ganhar um dinheiro extra, dava aulas em duas classes de instituto em Yale e uma na Faculdade Amherst, implicando uma viagem de quase trezentos quilômetros, ida e volta, por semana. Eu ficava em casa com duas crianças pequenas, procurando esticar o magro orçamento de estudantes casados, além de servir devotadamente na Igreja como jovem presidente de Sociedade de Socorro. Esse vizinho, preocupado e querendo ser útil, sugeriu:

— Pat, por que você não reclama seus direitos e manda tudo isso às favas?

Naquela época eu sabia que meus direitos, fossem quais fossem, tinham que ceder lugar à minha obrigação de buscar metas de longo alcance. Certamente nunca imaginei que o diploma de Jeff seria apenas para o futuro dele. E ele jamais pensou que os filhos fossem só meus. Estávamos nisso tudo juntos e não desperdiçávamos nossas energias brigando por causa de direitos. Foi um tempo trabalhoso e difícil,

"Todas nós temos de querer as coisas certas, buscar as coisas certas e dar tudo o que temos para o reino."

mas durou apenas três anos. Como resultado direto de meu apoio nesse período, agora disponho de tempo, meios e maravilhosas oportunidades para dedicar-me a muitos interesses e talentos, além de esposa e mãe. Além disso sei — e adoro saber — que minha missão final sempre incluirá a especial alegria de prover carinhoso e sábio apoio a outros no cumprimento de seus próprios encargos.

Se seu papel ou encargo é de apoio — e muitas de nós exercemos freqüentemente tal papel — temos de estudar e preparar-nos bastante para declarar claramente ao mundo que não estamos pedindo desculpas por fortalecer o lar, mas sim exercendo as mais altas prioridades, pessoal, social e teologicamente.

Meses atrás, participei com meu marido de um seminário de quinze dias em Israel, para muçulmanos, cristãos e judeus. Os participantes eram jornalistas, embaixadores, sacerdotes, rabinos, presidentes de

universidade e professores. Durante essas duas semanas, praticamente todos os participantes fizeram questão de interrogar-me a respeito da mulher mórmon. Embora muitas das outras esposas participantes vivessem como eu — cuidando da casa, criando os filhos — eu era a única visada.

Nós seremos notadas. Devemos ser como a luz sobre um monte. Cabe-nos a responsabilidade de estudar, preparar-nos e trabalhar para sermos capazes de ensinar a verdade sobre nossas prioridades e privilégios como mulheres da Igreja.

Em vista dessas obrigações (contrárias aos direitos), consideremos a revelação que todas apreciamos tanto e que resulta das experiências de Joseph Smith na Cadeia de Liberty. Não é uma ironia que um ambiente de tão poucos direitos, tão pouca liberdade e de autoridade tão abusiva tenha sido cenário de tão profunda revelação sobre direitos, liberdade e uso da autoridade? Suponho que seja somente em condições assim que o Senhor conte realmente com nossa plena atenção e use nosso sofrimento (no caso o de Joseph Smith) para ressaltar instruções muito significativas. Estas se encontram na seção 121 de Doutrina & Convênios. (Ver D&C 121:34-37,39, 41-42, 45-46.)

Parece-me muito importante notar que, falando a Joseph Smith sobre direitos — e ele fala efetivamente de direitos — o Senhor os transmite, sustenta e rodeia de toda sorte de instruções sobre obrigações e responsabilidades. Os privilégios do sacerdócio não estão isolados dos deveres, e nem o são as prerrogativas da mulher. Reparem nos primeiros dizeres: Por que são escolhidos tão poucos entre os muitos chamados? "Porque seus corações estão fixos nas coisas deste mundo, e aspiram tanto às honras dos homens." (D&C 121:35.)

Este mundo não é nossa morada final; e embora sejamos obrigados a viver aqui, e fazê-lo construtivamente, como cristãos não somos realmente deste mundo. E não buscamos seu louvor. Volto a citar o Presidente Kimball:

"Entre as verdadeiras heroínas que ingressarão na Igreja estão mulheres mais preocupadas com a própria retidão do que com seu egoísmo. Essas verdadeiras heroínas são autenticamente humildes, dando mais valor à integridade que à fama. Lembrai-vos de que é errado fazer algo só para impressionar as mulheres, como o é só para impressionar os homens." (*A Liahona,* março de 1980, p. 155.)

Este mundo não é nossa morada. Nosso coração não deve prender-se demais às coisas daqui. Não devemos buscar o louvor dos homens mais que o de Deus. Isto é, não devemos fazê-lo, se cremos que o reino de Deus — como sabemos em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias — está progredindo sob a mão de Deus para que venha o reino dos céus. Nada deve afastar-nos dessa crença e missão, de nos darmos plenamente conta do retorno triunfal do Príncipe da Paz. É preciso que nos lembremos de

apenas uma lição importante: "Que os direitos do sacerdócio (e da mulher) são inseparavelmente ligados aos poderes dos céus, e que os poderes dos céus não podem ser controlados nem manipulados a não ser (ou exceto) pelo princípio de retidão." (D&C 121:36.)

Não é interessante que os direitos, conforme expostos aqui pelo Senhor, não se refiram a homem ou mulher? Embora o sacerdócio seja mencionado, sem dúvida todos os direitos e poderes da mulher estão condicionados às mesmas premissas, sem tirar nem pôr. As leis são para todos — homem, mulher, preto, branco, livre ou escravo. (Ver 2 Néfi 26:33.) Será que, se guardarmos os mandamentos — comuns a todos nós — chegará o dia em que, como recompensa eterna, Deus dirá a todos, homens e mulheres: "Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei"? (Mat. 25:21.)

"Acredito que, se corresponder-mos às nossas responsabilidades, nossos direitos cuidarão de si mesmos."

Quando o Senhor fala de retidão, não há nenhum conflito de gênero — o que me leva a indagar por que homens ou mulheres SUD desperdiçam tamanha energia com assuntos como a mulher e o sacerdócio?

Ofereço esta única resposta para minha própria pergunta: Parece-me que, se existe algum conflito, é porque alguém, homem ou mulher, não está vivendo o evangelho de Jesus Cristo. Bem, eu não disse que a pessoa que se preocupa não esteja vivendo o evangelho. Pode ser como pode não ser. O que afirmo é que alguém não está vivendo o evangelho. Em alguma parte, de alguma forma promessas não foram mantidas ou obrigações não foram cumpridas, daí a mágoa. Assim, recai igualmente sobre todos nós, homens e mulheres, a responsabilidade de viver segundo prescreve a seção 121 e como requer qualquer outro exemplo cristão. Com esse tipo de amoroso relacionamento entre homem e mulher e essa espécie de promessas, desaparecem a dor, o desespero e frustrações deste mundo. Creio nisso de todo o coração. As respostas para nossos desafios são respostas evangélicas (eclesiásticas) e não masculinas ou femininas. São promessas para os fiéis. Notem mais uma vez os dons maravilhosos dos versículos quarenta e cinco e quarenta e seis.

Gostaria de finalizar com um exemplo concreto de uma pessoa não-membro da Igreja. Foi o Presidente Dallin H. Oaks, ex-presidente da Universidade Brigham Young quem me falou dessa inspiradora

Dando muita atenção às vozes do mundo, ficaremos confusas e contaminadas. Precisamos apegar-nos ao espírito.

aplicação do que estou procurando elucidar com respeito a opções e obrigações. Como devem saber, quando era um jovem professor de Direito, o Presidente Oaks mantinha boas relações com o Juiz Lewis M. Powell, agora integrante da Corte Suprema dos Estados Unidos. A filha do Juiz Powell acabara de se formar em Direito numa excelente escola, iniciando-se quase que simultaneamente com muito sucesso na carreira de advogada e no casamento. Tempos depois nasceu seu primeiro filho e ao visitá-la como amigo da família, o Presidente Oaks teve a grata surpresa de encontrar a jovem mãe em casa cuidando do filho em tempo integral. Indagada a respeito, ela respondeu: "Pode ser que um dia eu volte a advogar. *Para mim não foi uma questão difícil.* Qualquer pessoa poderia cuidar de meus clientes, mas apenas eu posso ser a mãe desta criança." Que resposta incisiva para uma questão simples, como dizia. E parece mesmo ter sido simples, pois ela a enfrentou não em termos de direitos, mas primeiro e principalmente em termos de responsabilidades. Acho que a questão não teria sido tão fácil, se sua atitude fosse: "É minha carreira" ou "É minha vida". Ela, porém, preocupou-se com suas obrigações. Consideradas assim, a questão e a resposta tornaram-se simples.

Todos nós temos direitos e a liberdade de buscá-los. Isto o Senhor prometeu. Portanto, creio que o ponto decisivo a que devemos chegar como mulheres SUD é não nos sentirmos forçadas a fazer opções justas, mas fazê-las espontaneamente. Parte do sofrimento, das frustrações e da depressão de que ouvimos falar é proveniente de a pessoa sentir-se forçada ou compelida a fazer determinadas escolhas. Devemos buscar diligente e piedosamente a luz que animaria nosso coração e nossa mente a desejar verdadeiramente os resultados das decisões corretas que tomamos. Em nossas preces deveríamos implorar a capacidade de enxergar como Deus enxerga, de habilitar nossa mente a ver as coisas do ponto de vista eterno. Dando muita atenção às vozes do mundo, ficaremos confusas e contaminadas. Precisamos apegar-nos ao espírito, e isto requer vigilância constante.

De um discurso proferido na Conferência Feminina da Universidade Brigham Young, a 1º de fevereiro de 1980. Transcrito com permissão da Brigham Young University Press.

UM TESTEMUNHO ACERCA DA ORAÇÃO

Susan Tanner Holmes

Foi numa reunião sacramental que aprendi a apreciar melhor a força de um ensinamento materno. Um jovem missionário que acabara de voltar do campo, Clint Jordan, falava-nos de sua missão e das variadas experiências que tivera compartilhando o evangelho.

Ele falou uma coisa que me despertou a atenção:

"Na verdade eu não teria tido nenhuma dessas experiências se minha mãe não me houvesse ensinado o valor da oração."

Depois prosseguiu: "Ainda ouço a voz de mamãe dizendo-me seguidamente: 'Clint, não há motivo de ter medo. Sempre que estiver sozinho ou começar a temer, lembre-se de que o Pai Celeste está sempre ao seu lado."

Muitas vezes durante sua vida, contou, encontrara conforto e força nessas palavras. Mas sua primeira e mais querida experiência com respeito à oração ressalta o acerto de se ensinar as crianças desde pequenas.

Quando rapazinho, cabia-lhe a tarefa, todas as madrugadas de ir buscar as vacas para a ordenha no pasto distante uns três quilômetros. Enquanto ia para lá, observava os raios dourados e alaranjados do sol perfurando as nuvens ou as gotas de orvalho cintilando nas folhas dos esguios girassóis.

Naquela determinada manhã, contou-nos, a condição era outra. Havia uma densa neblina cobrindo o caminho e, à medida que andava, a neblina foi ficando mais pesada. Então gradualmente, antes de surgir o sol acima da montanha, viu-se envolvido totalmente pela cerração. Pôs-se a assobiar na tentativa de controlar o pânico iminente. Mas mesmo assobiando começou a tremer em sua solidão e temor da escuridão que parecia envolvê-lo qual sombrio e úmido cobertor. Aí, quando parecia estar totalmente a mercê dos elementos, lembrou-se do conselho da mãe: "Não há motivo para ter medo. Lembre-se de que o Pai Celeste está sempre a seu lado."

O pequeno Clint, de seis anos, ajoelhou-se no capim orvalhado e orou àquele que podia ajudá-lo. Sua fé infantil não foi em vão. Quando ficou mais tranqüilo, abriu os olhos e viu chegando uma das vacas a caminho de casa. Uma vozinha interior disse-lhe que seguisse o animal. Segurando-se no rabo dela, Clint logo chegou à morna segurança do estábulo onde seu pai se preparava para a ordenha.

Agora, ali diante de nós, o moço Clint, de vinte e um anos, falava de sua gratidão pelas lições e experiências de seus dias de infância. Em muitos momentos de provação e dúvida ele recorrera às lembranças daqueles dias. Tinha um forte testemunho da oração — um testemunho fundado nos ensinamentos maternos.

Estando com meus filhos após a reunião, estava ainda sob o poder daquele testemunho. Um exemplo de mãe e o exemplo do filho deram-me uma maior resolução de instilar o mesmo testemunho da oração no coração de meus filhos ainda pequenos.



CATHERINE E SUA FÉ

Vinhetas da vida de Catherine Jane Cottam Romney.

Clifford J. e Marsha Romney Stratton

Ilustrado por Jerry Thompson.

Era o inverno de 1888 na Colônia Juarez, no México, e os Romney encontravam-se à beira da inanição. Miles, marido de Catherine, estava fora de casa havia meses procurando trabalho; e apesar de todo o cuidado e parcimônia de Catherine, os mantimentos estavam praticamente no fim. Depois de ponderar com orações suas alternativas, mandou os filhos Thomas e George, de doze e quatorze anos, saírem a caçar. Nenhum dos dois jamais disparara uma arma de fogo, e mandá-los caçar sozinhos nas montanhas era potencialmente perigoso, mas a fome era uma realidade. Apanharam a Winchester calibre 44 da família e lá se foram subindo entusiasmados o Spring Creek.

Cerca de um quilômetro e meio rio acima, deram com um cervo avantajado a uns setenta metros de distância. George mirou e disparou. Curiosamente, o cervo virou a cabeça e ficou olhando para eles como que intrigado com o barulho. O segundo tiro atingiu-o exatamente entre os olhos, ainda que George estivesse visando o corpo do animal.

Passado o primeiro entusiasmo, viram que não tinham faca nem meios de levar a caça para casa. George voltou correndo para casa em busca de uma faca, deixando Thomas de guarda — tarefa nada

fácil, uma vez que estava descalço e se via obrigado a manter-se em constante movimento para não congelar os pés.

Quando George finalmente voltou com seus dois irmãos menores, de dez e onze anos, todos eles descalços, estava nevando. Como não conseguiram esquartejar a caça, puseram-se a arrastá-la para casa, que ficava a uns seis quilômetros e mesmo quando pouco depois Catherine chegou para ajudá-los, o progresso continuava lento. Foi com sincera gratidão que viram Helaman Pratt chegando com uma mula de carga. Tendo ouvido os tiros, viera ajudá-los.

No jantar, regalaram-se com a mais deliciosa carne de gamo que já haviam comido.

Este fato sempre foi relembrado carinhosamente pela família, passando de pai para filhos e para os netos — entre estes a pequena Camilia Eyring, que futuramente se casaria com Spencer W. Kimball.

Havia mais o que contar, porém, quando falavam de Catherine. Nascida a 7 de janeiro de 1855, dezesseis meses após seus pais pioneiros haverem chegado ao Vale do Lago Salgado, Catherine tinha sete anos quando a família foi designada a ajudar a estabelecer Saint George, no sul de Utah. Catherine recorda o primeiro Natal na nova colônia — encontrou em sua meia alguns caramelos de melado, um punhado de passas e a fatia de uma maçã que a mãe trouxera com todo o cuidado desde a Cidade do Lago Salgado. O pai esculpiu treze bonecas, e um vizinho habilidoso pintou o rosto e cabeleira delas. Naquele Natal Catherine e mais doze garotinhas ganharam uma boneca.

Aos dezenove anos tornou-se esposa de Miles Park Romney na Casa de Endowment, na Cidade do Lago Salgado. Consta que na época era uma linda moça de faces coradas, olhos castanhos e tranqüilos, e cabelos de azeviche que lhe chegavam abaixo da cintura quando soltos. Era conhecida também por seu "perfeito autodomínio". Catherine e Miles tiveram nove filhos.

Catherine possuía uma forte fé e teve muitas oportunidades de demonstrá-la. Certa ocasião, na ausência de Miles, Junius, seu filho de três anos, teve tão grave infecção nos ouvidos que ela chegou a temer por sua vida. Orando desesperadamente por socorro, foi inspirada a pedir ao patriarca da estaca que o abençoasse. Agasalhando bem o filho, levou-o ao patriarca que, na bênção, prometeu a Catherine que, se sua fé fosse bastante forte, o ouvido não mais incomodaria Junius e ele viria a ser um grande líder na Igreja. Ainda não terminara de falar, quando o menino parou de chorar e caiu em profundo sono, a primeira vez em semanas. Ele criou uma família com seis filhos e tornou-se presidente da Estaca Juarez, no México, antes dos trinta anos.

Noutra ocasião, um filho seu caiu da carroça com tanta infelicidade, que atingido pela coroa de

ferro de uma das rodas, esta lhe decepou a orelha. Catherine recolocou a orelha no lugar e manteve-a ali com auxílio de uma meia enfiada na cabeça. A cicatrização foi tão perfeita que, quando adulto, ninguém mais conseguia dizer qual fora a orelha acidentada.

Em 1881 a família Romney foi chamada para o Arizona, na época rude região fronteiriça, particularmente com respeito à perseguição aos santos. Pouco depois de lá chegarem, um membro da Igreja, Nathan Cram Tenney, foi morto a tiros quando tentava acabar com uma briga entre dois grupos de desordeiros.

Os Romneys eram particularmente visados, porque Miles era um eloqüente e destemido "cruzado" em seu jornal. Certa tarde, dois rufiões espancaram Miles, deixando-o desacordado, obrigando as crianças pequenas a andarem quilômetros em busca de socorro. Chegou ao ponto de uma quadrilha de Saint Johns, no Arizona, oferecer vários milhares de recompensa por sua captura, vivo ou morto. Noutra ocasião, uma turba de desordeiros ficou atirando na casa, enquanto Catherine escondia as crianças entre um sofá e a parede.

Finalmente Miles foi à Cidade do Lago Salgado informar Brigham Young da situação. O profeta mandou mais famílias SUD para Saint Johns, o que melhorou um pouco o equilíbrio entre os mórmons e seus desafetos.

Ainda assim, continuaram as perseguições contra a família e finalmente o Élder John Taylor, do Quorum dos Doze Apóstolos, aconselhou Miles a ir para o México. Enquanto ele construia uma casa lá, Catherine e os filhos voltaram para Saint George, Utah, onde passaram os dois anos seguintes com a família dela, e conheceram o Presidente Wilford Woodruff, quando ali se refugiou de seus perseguidores.

A viagem para o México foi de trem, mas diversas das crianças contraíram escarlatina durante a viagem e uma delas, Claude, morreu de pneumonia pouco depois de chegarem à Colônia Juarez.

A primeira casa deles no México resumia-se a um abrigo cavado na ribanceira de um rio, e Catherine satisfazia sua fome de beleza com caminhadas ao longo de suas margens, colhendo flores silvestres e tecendo cestos. As crianças recordam-se das noites em que cantavam com os pais — Catherine tinha uma bela voz de soprano — além de piqueniques, jogos, festinhas, preparo de puxa-puxa e danças. Contar histórias e visitar os vizinhos também fazia parte da vida familiar.

Em 1902, Miles sofreu um ataque cardíaco e, embora sobrevivesse, dois anos depois foi vitimado por um segundo ataque. Uma das filhas, Lula, lembra que no Natal seguinte não tiveram árvore de Natal, embora encontrassem presentes em suas meias. Diz ela: "Temi deixar transparecer meu desapontamento e autocomiseração, pois assim que

terminamos o desjejum, mamãe encarregou-me de uma tarefa. Eu na verdade não tinha vontade de ir até a casa daquele casal de velhinhos, lá do outro lado da linha férrea, ainda mais puxando o carrinho vermelho em que costumávamos conduzir meu irmãozinho aleijado até a Escola Dominical. Fiquei observando mamãe encher o carrinho com um cobertor, um travesseiro e parte de nosso jantar de Natal — peru, batatas, legumes, roscas, manteiga etc.

"Basta bater na porta e desejar 'Feliz Natal' — disse ela — Depois pode voltar correndo para brincar.

"Não foi difícil achar a pequena cabana isolada na pradaria. Quando bati, atendeu uma senhora velhinha.

" — Feliz Natal, — disse-lhe.

" — Ora, se não parece um anjinho de Natal — respondeu, beijando-me. Como não havia degraus, ela puxou o carrinho para dentro a fim de descarregá-lo. Um ancião de longas barbas brancas estava sentado ali, com os olhos fixos no fogo que crepitava na minúscula lareira.

" — Veja, John, — comentou ela, — o que o bom Senhor nos mandou.

" — Achei que era esquisito falar aquilo, pois sabia muito bem que fora mamãe que as mandara e não o Senhor. O velho não respondeu, nem sequer levantou o olhar e deduzi que devia ser surdo. A mesa apresentava ainda os restos de um magro desjejum. Apontando para eles, a senhora comentou: — Veja, era só isto que teríamos para o jantar se ninguém se importasse conosco.

"Saindo da cabana depois de receber outro beijo, senti-me tomada de uma gostosa sensação de paz. Que bom mamãe ter-me mandado ali para evitar que passassem o Natal com fome! Fui saltitando pelo caminho para casa e estou certa de que nunca antes apreciei tanto um jantar de Natal."

Durante e revolução mexicana Catherine teve de abandonar sua casa em quinze minutos. Chegou a enterrar suas peças de prata e louças, mas deixou um bolo assando no forno e galinha na frigideira. Levando apenas uma trouxa de roupas de cama e um baú de roupas, Catherine calmamente trancou a porta da quarta casa de que era desalojada devido à religião. Quando o carroção se pôs a caminho, duas filhas que iam atrás se levantaram e se puseram a cantar: "Conta as bênçãos, conta quantas são..." (*Hinos,* nº 151) E a mãe, com lágrimas correndo pelas faces, lançou um último olhar à sepultura do marido e depois sorriu para os filhos.

Catherine serviu no templo em Saint George, Utah, até adoecer gravemente. Então chamou os filhos remanescentes para junto da cama e pediu-lhes que se ajoelhassem ali e orassem para que fosse curada ou lhe fosse permitido juntar-se a seu marido e filho do outro lado do véu. Pouco tempo depois, a 6 de janeiro de 1918, ela faleceu serenamente.

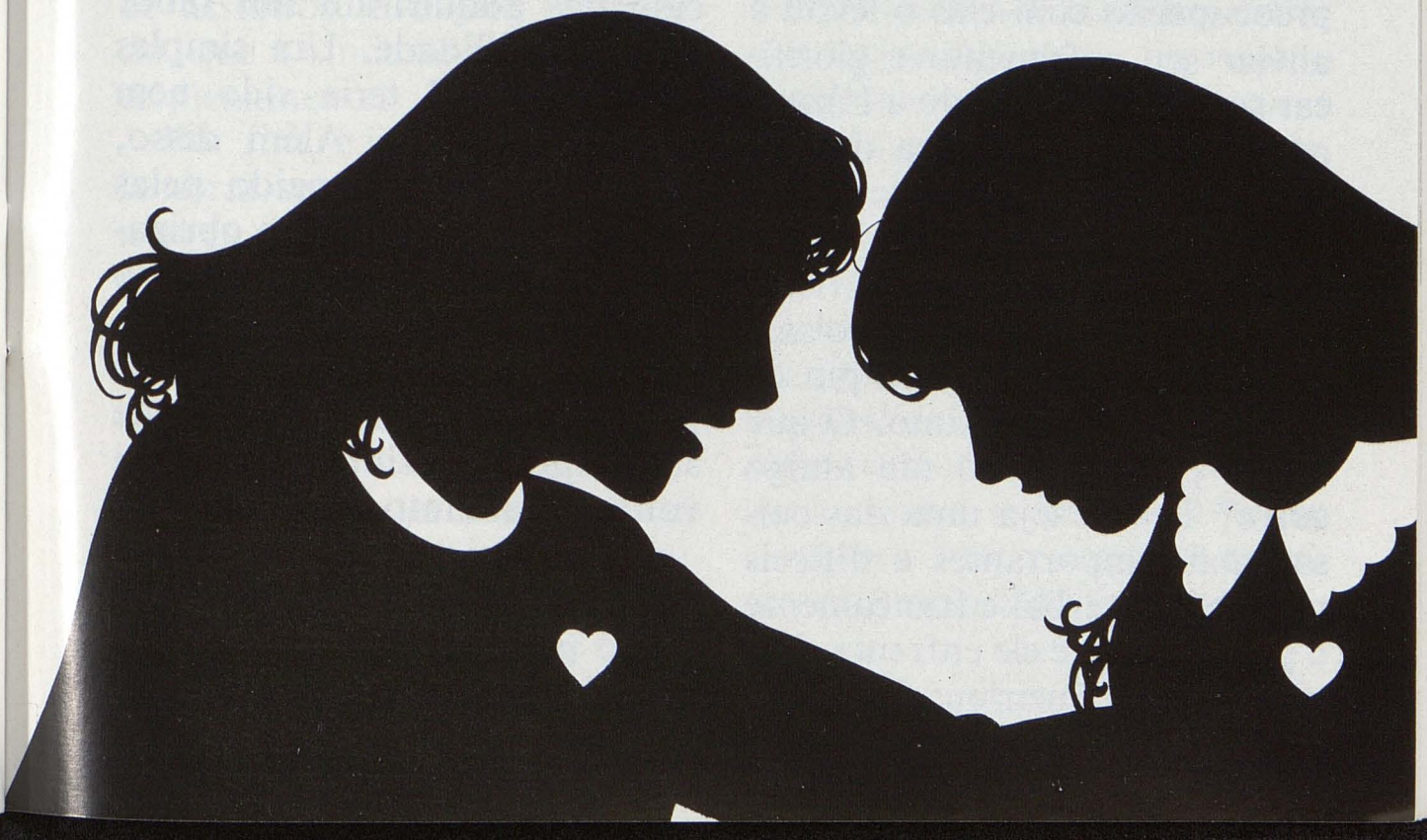
QUANDO OS AMIGOS PRECISAM DE NÓS

Ann Edwards-Cannon

Quando eu tinha quatorze anos, no início de nosso ano escolar, uma de minhas melhores amigas perdeu sua irmãzinha vitimada por leucemia. No dia em que soube da notícia vi minha amiga de longe, afastada das outras, na parada do ônibus. Sua expressão demonstrava sofrimento e eu ansiava por confortá-la, mas a situação deixou-me encabulada. Embora a conhecesse fazia anos, não sabia o que dizer ou fazer. Então a evitei. Passado algum tempo, quando já amainara o choque da morte da irmãzinha, minha amiga comentou:

— "Achei estranho que nem você nem minhas outras amigas falassem comigo quando Katy morreu".

Quando o Pai Celeste providenciou que nos tornássemos mortais, ele sabia naturalmente que todos nós um dia passaríamos pelo vale das sombras e do pranto. Mudanças penosas, doenças, morte — impossível evitá-las. Todavia, se existe algo mais difícil que suportá-las pessoalmente, talvez seja observar



um bom amigo confrontando-se com elas. Ver um amigo às voltas com as conseqüências de alguma tragédia pessoal muitas vezes nos deixa desarvorados. *O que vou dizer? O que posso fazer?* perguntamo-nos nessas horas. Tal sensação de insegurança infelizmente leva muitos de nós a fazer o que eu fiz — ignorar o problema.

Que não deveríamos agir assim está claro nas escrituras. Por preceito e exemplo, o Salvador mostrou que não devemos desamparar os que sofrem. Lembrem-se, por exemplo, de sua reação à notícia da morte de Lázaro. João conta que "Jesus chorou". (João 11:35.) Embora sabendo que podia fazer Lázaro reviver, ainda assim se afligia com a dor de suas amigas Marta e Maria a ponto de chorar. A preocupação com elas o levou a aliviar seu sofrimento e glorificar seu Pai, ordenando a Lázaro que retornasse à esfera dos vivos.

Talvez não possamos operar milagres à maneira de Cristo, mas como em todas as coisas, podemos seguir seu exemplo de cuidado com o próximo. O que fazer, pois, quando um amigo sofre? Talvez seja uma das coisas mais importantes e difíceis reconhecer verbal e francamente o problema que ele enfrenta. Minha amiga comentou:

— Se ao menos uma de vocês se tivesse aproximado de mim e dissesse "sinto muito", nós duas ficaríamos mais à vontade uma com a outra nessa situação.

É de suma importância não permitir que uma tragédia se transforme em barreira na comunicação. Externar simpatia pode ser exatamente o de que precisa um amigo que sofre.

Talvez seja útil uma palavra de advertência aqui. Um amigo meu, chamado Doug, perdeu o pai num acidente de automóvel, quando tinha mais ou menos treze anos. Embora sabendo que tinham as melhores intenções, foi difícil para ele ouvir os amigos que ainda tinham os pais vivos dizerem: "Sei exatamente como você se sente." O fato é que provavelmente não sabiam, e portanto suas palavras bem intencionadas adquiriram um sabor de insensibilidade. Um simples "sinto muito" teria sido bem mais apropriado. Além disso, Doug ficou constrangido pelas pessoas que se julgavam obrigadas a fazê-lo "falar" no assunto sempre que o encontravam. Depois de notar o interesse e simpatia dos amigos por meio de suas expressões simples, preferia voltar ao assunto ele mesmo.

Por mais importante que seja reconhecer o problema, seria errôneo presumir que só palavras bastam. Embora eu possa estar

sendo absolutamente sincera ao dizer: "Avise-me se posso ser útil", a maioria das pessoas provavelmente hesitará em recorrer a nós, temendo ser importunas. É melhor tomar a iniciativa e fazer alguma coisa por um amigo sem ser solicitado.

Conheço uma garota chamada Diana que sempre será reconhecida pelo que uma amiga fez por ela durante um período crítico de sua vida. Aos 17 anos, Diana caiu em profunda e prolongada depressão. Seu caso foi tão grave, que exigiu cuidados médicos. Quando soube do problema, sua amiga Raquel cuidou sem alarde de estar sempre disponível quando Diana precisasse dela. Até hoje Diana confirma que foram os telefonemas, caminhadas, partidas de tênis e longos bate-papos sobre toda sorte de assuntos, inclusive seu estado, que a ajudaram a recuperar-se plenamente.

Por fim, é importante a gente lembrar-se de que os efeitos de muitas tragédias pessoais podem manifestar-se durante longo tempo. Os sentimentos penosos nem sempre são superados com rapidez e freqüentemente uma pessoa demora a sobrepujar a dor. Devemos ter o cuidado de não presumir que, por ter retomado as atividades normais, a pessoa não requeira mais cuidados ou atenção especial.

Um rapaz chamado Stan contou-me esta experiência. Certa tarde de verão, seu irmão mais novo foi envolvido num acidente que o deixou paraplégico. Logo depois do acidente, os amigos dos dois rapazes e também membros da ala mostraram-se prestativos e atenciosos. Dentro de poucas semanas, porém, as visitas e ofertas de ajuda foram rareando cada vez mais. Não demorou, Stan, seu irmão e outros familiares ficaram isolados devido à tragédia. Algumas semanas simplesmente não bastaram para eles conseguirem absorver e aceitar a nova e difícil realidade que enfrentavam como pessoas e como família. Um apoio mais prolongado de amigos interessados teria sido mais que apreciado.

Por mais que o desejemos, muitas vezes não podemos evitar que um amigo sofra. Entretanto podemos ajudá-lo a suportar a dor, importando-nos com ele, um cuidado traduzido em palavras e atos de autêntica compaixão. Externar simpatia, demonstrar preocupação agindo e dedicando-se à pessoa necessitada enquanto ela precisar são passos importantes ao nosso alcance para ajudar a pessoa a quem queremos bem a aceitar e conviver com os problemas de sua vida.



ENCONTREM-NOS

Élder Royden G. Derrick
da presidência do Primeiro Quorum dos Setenta

Minha bisavó, Ursula Wise Derrick, foi uma mulher fora do comum. Segundo nossos registros familiares, ela nasceu por volta de 1779 em Keynsham, Somerset, Inglaterra, localidade distante apenas doze quilômetros de Bristol. Teve onze filhos sendo que os últimos, Elizabeth e Zacharias, eram gêmeos. Elizabeth morreu pouco depois de nascer.

Aos quatorze anos de idade, Zacharias ingressou como aprendiz na Fundição Bristol e terminou como fundidor. Foi um ano muito importante para ele, pois além de iniciar seu segundo aprendizado, casou-se com Mary Shephard. Pouco depois do casamento, a mãe ficou gravemente doente. Temendo estar à morte, chamou Zacharias para junto da cama e recomendou-lhe que não se filiasse seriamente a nenhuma igreja que então conhecia, porque nenhuma delas era a autêntica Igreja de Cristo. Disse-lhe mais que, quando ouvisse falar de missionários indo de dois em dois, pregando em salões e nas esquinas, falando de um novo profeta que recebera revelação de Deus, deveria aceitar sua mensagem, pois a igreja deles seria a verdadeira igreja de Deus.

Ursula Wise Derrick morreu naquele mesmo ano, 1836, um ano antes de Heber C. Kimball e seus companheiros missionários desembarcarem em Liverpool, trezentos quilômetros mais ao norte, a fim de levar a mensagem da Restauração às Ilhas Britânicas. Passaram-se vários anos até o evangelho restaurado ser pregado em Bristol.

Ela deve ter sido uma mulher extremamente espiritual para ter recebido essa informação de fonte divina. Morreu sem ter sido batizada por alguém com autoridade. O Salvador disse, todavia: "Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus." (João 3:5.) Tenho pesquisado as escrituras para descobrir o que aconteceu com minha bisavó.

O profeta Isaías afirmou que o Salvador seria enviado para "proclamar liberdade aos cativos". (Isaías 61:1.) O Presidente Joseph F. Smith faz referência, na Visão da Redenção dos Mortos (que agora constitui a seção 138 de Doutrina & Convênios), aos falecidos antes da ressurreição de Cristo, dizendo que àqueles que foram "fiéis no testemunho de Jesus, enquanto viveram na mortalidade" (D&C 138:12), "o Filho de Deus apareceu declarando liberdade aos cativos que tinham sido fiéis". (D&C 138:18.) Cativos de quê? Cativos da morte, pois não podiam ressuscitar até que Cristo expiasse seus pecados e se tornasse as primícias da ressurreição.

Ursula veio ao mundo muitos séculos depois de Cristo, mas aquilo era o protótipo para o que se seguiria.

Quando eu era criança, nossa família esperava ansiosa o retorno do Tio Orson. Mamãe preocupava-se muito com o assunto, preocupação essa que instilou também nos filhos. Não sei por que, eu sempre esperava que o tal Tio Orson apare-

cesse na porta dos fundos lá de casa. Lembro-me de várias vezes em que um mascate bateu à nossa porta dos fundos. Eu sempre puxava a saia de mamãe, perguntando: "É o Tio Orson?" A resposta, porém, era sempre negativa.

Foi só muitos anos mais tarde que mamãe me contou o caso de seu irmão mais moço. Tio Orson nascera em 1881. Aos quatorze meses perdeu o pai, ficando sem a orientação paterna, tão necessária nos anos de formação. Quando tinha 17 anos, foi com um grupo de amigos da mesma idade ao Pavilhão Saltair, salão de danças nas margens do Lago Salgado. Antes de terminar a noite, estavam todos embriagados e foram parar na cadeia.

Na manhã seguinte, pais e familiares dirigiram-se à cadeia para conseguir a soltura dos rapazes. Muitos deles abraçaram seus filhos e ajudaram-nos a se tornarem cidadãos responsáveis da comunidade. Sem minha avó saber, porém, Tio Orson foi solto com uma passagem só de ida para os Territórios do Noroeste e a recomendação de nunca mais voltar.

Mamãe contou que de vez em quando ouvia sua mãe soluçando no quarto durante a noite. E quando ia para junto dela, ela dizia:

— Por onde andará meu filho errante nesta noite?

Tio Orson provavelmente trabalhava nos acampamentos madeireiros do Noroeste, ambiente nada propício à vivência dos princípios do evangelho. Se estivesse vivo hoje, seria muito, muito idoso. É provável que já tenha partido para o mundo dos espíritos. Tenho pesquisado as escrituras para descobrir o que foi feito do Tio Orson.

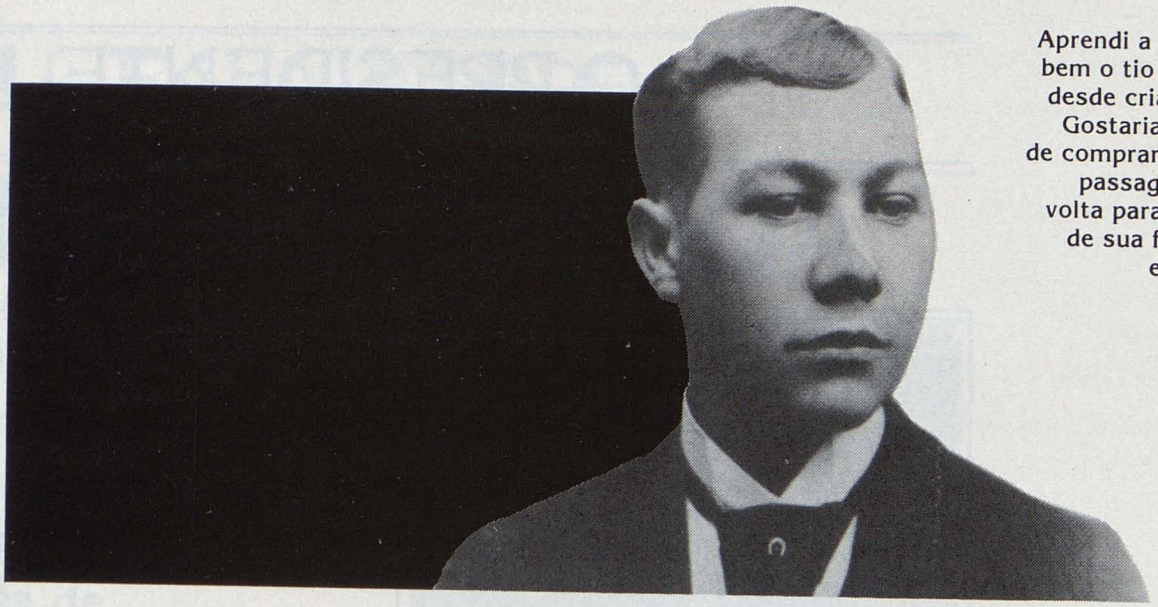
Diz Isaías: "E serão amontoados como presos numa masmorra, e serão encerrados num cárcere; e serão visitados depois de muitos dias." (Isaías 24:22.) Entre sua crucificação e ressurreição, o Salvador "organizou suas forças e designou mensageiros, investiu-os com poder e autoridade, e comissionou-os para que fossem e levassem a luz do evangelho àqueles que estavam na escuridão". (D&C 138:30.)

Isto também é um protótipo e se aplica igualmente aos mortos depois da ressurreição de Cristo.

Joseph S. Nelson, bom amigo meu, faleceu há alguns meses, aos oitenta e seis anos de idade. Foi um grande missionário durante a vida — cumpriu quatro missões, a última aos oitenta anos de idade. Tenho pesquisado as escrituras para encontrá-lo — e ei-lo aqui:

"Vi que os élderes fiéis desta dispensação, quando deixam a vida mortal, continuam seus labores de pregação do evangelho de arrependimento e redenção, através do sacrifício do Filho Unigênito de Deus, entre aqueles que estão nas trevas e sob a escravidão do pecado no grande mundo dos espíritos dos mortos." (D e C 138:57).

Aprendi a amar minha bisavó Ursula Wise Derrick. Deve ter sido uma pessoa marcante e obviamente fiel "no testemunho de Jesus enquanto viveu na mortalidade". (D&C 138:12) Não teve, porém,



Aprendi a querer bem o tio Orson desde criança... Gostaria tanto de comprar-lhe a passagem de volta para junto de sua família eterna.

oportunidade de receber as ordenanças salvadoras que garantiriam a "redenção das cadeias da morte". (D&C 138:16.)

Aprendi a querer bem o Tio Orson desde criança, pois herdei certa saudade dele. Gostaria tanto de comprar-lhe a passagem de volta para junto de sua família eterna.

Fico imaginando se meu bom amigo Joe Nelson não poderia encontrar minha bisavó, assegurando que lhe fossem ensinadas as maravilhosas verdades do evangelho de Jesus Cristo e assim pudesse tirar proveito das ordenanças salvadoras realizadas em seu favor.

Fico imaginando se meu bom amigo Joe Nelson não poderia encontrar o Tio Orson e ensinar-lhe as verdades do evangelho que seu pai lhe teria ensinado na mortalidade, se vivo fosse. Espero que ele tenha agora a oportunidade de ouvir as verdades do evangelho que poderia ter aprendido, não fora aquela passagem só de ida que o afastou dos que poderiam tê-lo ajudado.

Por favor, querido amigo Joseph, encontre-os e ensine-lhes essas preciosas verdades salvadoras, para que nossa família possa ser uma família eterna. Se o fizer, ser-lhe-ei mais grato do que um mortal pode expressar.

PREZADO ASSINANTE:

Mudou-se ou vai mudar-se?

AVISE-NOS IMEDIATAMENTE A FIM DE NÃO FICAR SEM SUA REVISTA.

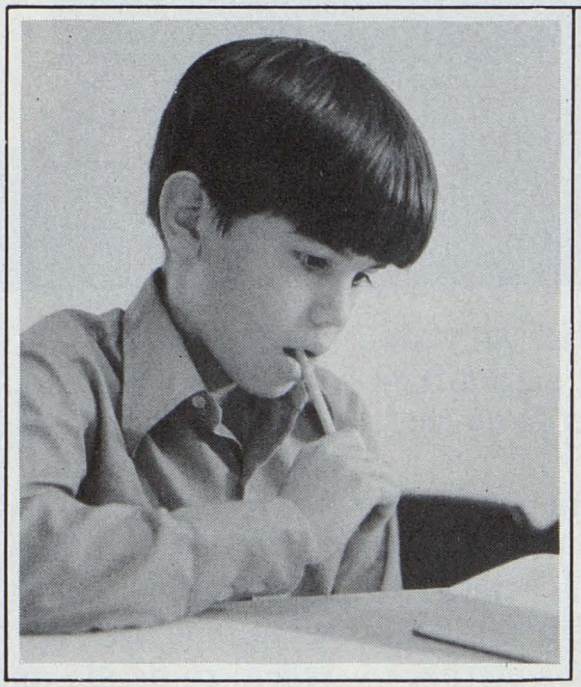
Basta recortar a etiqueta de endereçamento que acompanha seu exemplar de A Liahona e enviá-la ao endereço abaixo, com a anotação de seu novo endereço.

Mande a informação para Caixa Postal 26023 - 01000

São Paulo S.P.

O PRESIDENTE KIM BA

COMO PLANEJA



Presidente Spencer W. Kim

Estamos viver época reple dificuldades, mas também tem de gran oportuni dade

Juventude, amada juventude, como é maravilhoso o mundo em que viveis! Quão gloriosas são vossas oportunidades!

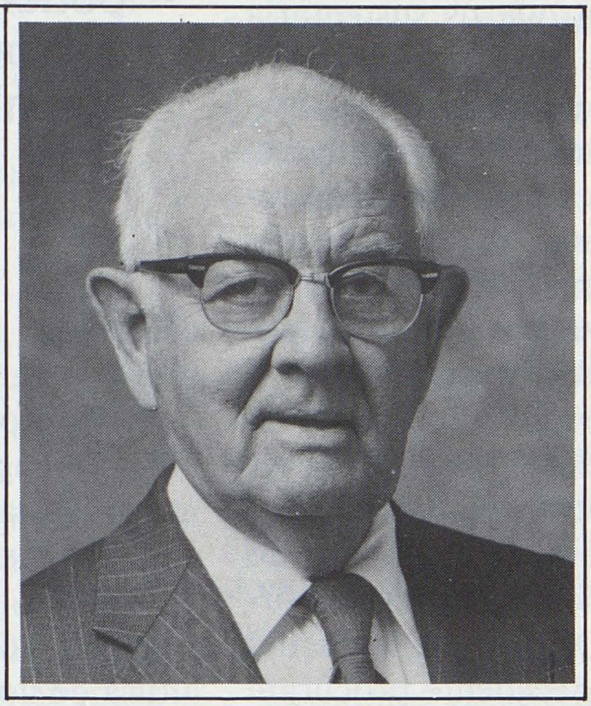
A primeira década de vossa vida foram dias alegres, felizes, descuidados. Vossos pais e família vos protegiam, ensinavam e alimentavam, vestiam e abrigavam; mas agora, na segunda década, o controle perde algo de sua força. Pouco a pouco ides desenvolvendo vossa personalidade, tomando um número crescente de decisões próprias; estais ficando adultos e assumindo responsabilidades. As decisões mais importantes de toda a vida vos esperam — decisões capazes de franquear-vos, no futuro, gloriosos caminhos para o progresso ou encaminhar-vos a becos sem saída.

Outros podem ajudar-vos nesse sentido, mas a vós cabe tomar essas decisões e apegar-vos a elas. O livre arbítrio vos dá o direito de escolher, mas não vos assegura imunidade alguma contra as perdas e sofrimentos decorrentes de decisões erradas. Uma vez encetado o caminho da vida, voltar não é nada fácil, particularmente se for um caminho seguido por muita gente e uma trilha em declive.

Vossa vida vos pertence, para desenvolver ou destruir. Se essa vida não for produtiva, digna, plena e abundante, a culpa caberá muito

IM BALL FALA SOBRE
EJAR NOSSA VIDA

Spencer W. Kimball



nos vivendo uma
poca repleta de
des, mas
bém tempos cheios
de grandes
tuni dades.

pouco a outros e quase que totalmente a vós. Os outros podem ajudar ou atrapalhar, mas a responsabilidade por ela é vossa, e só vós podeis torná-la excelente, medíocre ou um insucesso.

Cresci numa terra árida. Parecia que raramente caía chuva suficiente para garantir a sobrevivência das culturas — ou água bastante para distribuir entre os inúmeros canais sedentos e as dezenas de milhares de hectares ressequidos, ou para irrigar todas as plantações.

Aprendemos a orar por chuva — sempre orávamos para que chovesse.

Ainda bem pequeno, eu já sabia que as plantas não conseguem sobreviver sem água em terras secas por mais de duas ou três semanas. Eu sabia como atrelar a velha égua ao jacaré (um tronco bifurcado com um tonel em cima) e conduzir o animal até o Canal União, um quarteirão abaixo de nossa casa. Com um balde, eu apanhava água da minguada corrente ou das poças para encher o tonel, que depois a égua arrastava até em casa para eu poder aguar com o precioso líquido as rosas, violetas e outras flores, além dos pequenos arbustos, sebes e mudas de árvores. A água era como ouro líquido, e assim os reservatórios assumiram grande importância em minha vida.

Em nossa época há necessidade

de muitos tipos de reservatórios — reservatórios de água, outros para estocar mantimentos como fazemos em nosso programa de bem-estar familiar, outros como os celeiros e depósitos criados por José no Egito para guardar o produto dos sete anos de fartura que os sustentaria durante os sete anos de escassez.

Também deveríamos ter reservatórios de conhecimento para necessidades futuras; reservatórios de coragem para vencer as ondas de medo que assaltam a vida; reservas de força física para nos ajudar a vencer as freqüentes contaminações e contágios; reservas de bondade; reservas de resistência; reservas de fé. Sim, reservas de fé, para que quando aumentassem as pressões do mundo, pudéssemos continuar firmes e fortes. Quando as tentações de um mundo decadente procuram corroer nossas energias, minar nossa vitalidade espiritual e nos arrastar para o nível inferior do mundo profano, precisamos de uma reserva de fé capaz de nos suster durante os torturantes anos da adolescência e os problemas dos anos posteriores; fé para nos amparar nos momentos de enfado, dificuldades e pavor, nos desapontamentos e desilusões, e fazer perseverar nos anos de adversidade, penúria, confusão e frustrações.

Como encher nossos reservatórios?

Sendo uma geração SUD perspicaz e observadora, já deveis ter percebido que estamos vivendo numa época repleta de perplexidade e dificuldades, mas também tempos cheios de grandes oportunidades.

Em que tipo de conhecimento existe poder, e que poder provém do conhecimento?

Sou grato por vós e nós todos termos o evangelho de Jesus Cristo como guia, dando-nos uma base para entender os acontecimentos e condições que veremos no futuro. As escrituras deixam claro que nesta altura de nossa dispensação os líderes políticos não poderão prometer-nos paz; nós, porém, membros da Igreja, dispomos de meios de obter paz pessoal, de adquirir serenidade d'alma — mesmo quando não existe paz ao nosso redor!

Talvez já estejais acostumados a ouvir de nós, os que já avançamos mais no caminho da vida, sobre a importância de permanecer no caminho estreito e apertado. Tantas vezes repetimos as mesmas coisas a vós, mas, se refletirdes um pouco por que é assim, logo descobrireis que os precipícios existentes de ambos os lados desse caminho estreito e apertado não mudam nem se tornam menos perigosos; tampouco se torna menos íngreme o caminho.

Os líderes da Igreja não conseguem, quando ensinam, oferecer-vos uma rota nova ou mais agradável para conduzir-vos à presença do Pai Celeste. A rota continua a mesma. Daí a necessidade de freqüente incentivo sobre as mesmas coisas e repetidas admoestações. Só porque uma verdade é repetida ela não se torna menos importante ou verdadeira.

"A glória de Deus é inteligência ou, em outras palavras, luz e verdade" (D&C 93:36), dizem as revelações modernas, e "conhecimento puro... grandemente ampliarão a alma" (D&C 121:42). Lemos também: "É impossível ao homem ser salvo em ignorância." (D&C 131:6). Isto costuma ser mal interpretado. Sem esperar descobrir o verdadeiro sentido, muitos jovens tomam decisões precipitadas e encetam o caminho da vida despreparados, seguindo os outros sem ninguém ou nada para guiá-los, e acabam desapontados.

Em que tipo de conhecimento existe poder, e que poder provém do conhecimento? Analisemos esta grande verdade. Na seqüência, primeiro vem o conhecimento de Deus e seu programa, o caminho para a vida eterna; segue o conhecimento das coisas seculares, também importante. O próprio Criador estabelece a seqüência e define a ordem:

"Buscai primeiro o reino de Deus e sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas." (Mat. 6:33.)

E através de Joseph Smith ele diz: "Isto é vidas eternas — Conhecer o único sábio e verdadeiro Deus, e Jesus Cristo a quem ele enviou. Eu sou ele. Recebei vós, portanto, a minha lei." (D&C 132:24.)

Esta vida mortal é o tempo de o homem preparar-se para o encontro com Deus, nossa responsabilidade primordial. Tendo recebido o corpo, que se tornará o tabernáculo permanente do espírito por todas as eternidades, agora é hora de treinar o corpo, a mente e o espírito. Portanto, é essencial que usemos esta vida para nos aperfeiçoar, subjugar a carne, sujeitar o corpo ao espírito, vencer todas as fraquezas, governar o "eu" para sermos capazes de liderar os outros e realizar todas as ordenanças necessárias. Em segundo lugar vem a preparação para dominar a terra e todos os seus elementos.

Dispomos destes limitados anos de vida para aprender a conhecer a Deus e tornar-nos senhores de nosso próprio destino. A seguir, temos esta vida e as eternidades para aprender a conhecer a terra e tudo o que nela há, e para acumular conhecimento secular que ajudará a nos tornarmos deuses, que é o nosso destino.

Pedro e João tinham pouca instrução secular, sendo considerados ignorantes. Mas conheciam as coisas vitais da vida, que Deus vive e que o Senhor crucificado e ressurreto é o Filho de Deus. Eles conheciam o caminho da vida eterna. Isto aprenderam em poucas décadas de vida mortal. A exaltação significava divindade para eles e a criação de

mundos com progresso eterno, para o que provavelmente necessitariam de um conhecimento pleno das ciências. A muitos, porém, escapa este fato: Pedro e João dispunham de apenas algumas décadas para aprender e realizar as coisas espirituais, mas desde aí já tiveram uns dezenove séculos para aprender as coisas seculares, ou a geologia, a zoologia, fisiologia e psicologia das criaturas terrenas. A mortalidade, porém, é o tempo de aprender a respeito de Deus e o evangelho primeiro , e realizar as ordenanças; depois, para aprender o possível acerca das coisas seculares. E aqui temos os pretensamente ignorantes Pedro e João herdeiros da exaltação.

Um excelente e capacitado cientista que seja também um homem aperfeiçoado poderá chegar a criar um mundo e povoá-lo; porém, um cientista assim, mas dissoluto, impenitente, incrédulo, jamais virá a ser um criador nas eternidades.

Por mais importante que seja, o conhecimento secular jamais conseguirá salvar uma alma, ou abrir o reino celestial, nem criar um mundo, nem fazer do homem um deus; mas pode ser muito útil ao homem que, colocando as coisas primordiais em primeiro lugar, encontrou o caminho para a vida eterna e pode aplicar todo seu conhecimento como seu instrumento e servo.

Certa vez ouvi um vigoroso apelo de uma irmã da Mutual. Talvez fosse sua maneira de abordar o tema ou então meu estado de espírito. Ela fez um estimulante discurso sobre ler e assimilar as escrituras; depois, interrompendo sua dissertação, perguntou à congregação mista de umas mil pessoas: "Quantos de vós já lestes a Bíblia de capa a capa?"

Penso que na época eu tinha uns quatorze anos, e fui tomado de acusador complexo de culpa. Já lera uma porção de livros, histórias em quadrinhos e literatura leve, mas meu coração dizia-me acusadoramente: "Você, Spencer Kimball, nunca leu esse livro sagrado. Por que?" Dei uma olhada nas pessoas da frente e nos dois lados de mim para ver se era só eu que não lera o livro sagrado. Das mil pessoas, havia talvez meia dúzia de mãos orgulhosamente erguidas. Curvei-me acabrunhado. Nem me lembrei dos outros que também tiveram insucesso, sentindo apenas profunda acusação a mim mesmo. Em meu acabrunhamento não condenei mais ninguém, somente o meu insignificante eu. Não sei o que os ou-

Pedro e João conheciam as coisas vitais da vida, que Deus vive e que o Senhor crucificado e ressurreto é o Filho de Deus.

tros estavam fazendo ou pensando. Não ouvi o resto do discurso. Ele alcançara seu intuito. A reunião terminou. Passei pela larga porta de saída e fui correndo para casa, distante somente um quarteirão da capela, dizendo a mim mesmo com dentes cerrados: "Eu vou. Eu vou. Eu vou."

Entrando pela porta dos fundos, fui direto para a estante da cozinha onde ficavam os lampiões de querosene. Escolhi um bem cheio e pavio recém-aparado, e subi para meu quarto no sótão. Ali abri a Bíblia em Gênesis e, começando pelo capítulo primeiro, versículo um, fiquei até altas horas da noite em companhia de Adão e Eva, Caim e Abel, Enoque e Noé e o dilúvio até Abraão.

Instruir-se nas coisas de Deus deve incluir, é óbvio, a parte mais difícil ainda — a de tornar-se um ser perfeito. Vós deveis não só evitar o adultério, mas proteger-vos igualmente de qualquer pensamento ou ato capaz de induzir-vos a esse pecado hediondo. Vós deveis não só abster-vos da vingança e revide, como oferecer a outra face, caminhar a segunda milha e dar também a capa a quem vos pede vestido. (Mateus 5:38-41.) Deveis não só amar os amigos, mas também os inimigos e aqueles que vos injuriam; deveis orar por eles e amá-los de verdade. (Mateus 5:43,44.) Este é o caminho da perfeição. É preciso não apenas estar acima de roubo e furto, mas ser honesto em pensamento e ação em todos os numerosos aspectos em que a racionalização permite a desonestidade — na manipulação de relatórios, trapaças com referência ao tempo, dinheiro ou trabalho e toda e qualquer prática duvidosa ou questionável. Vós precisais não só abster-vos de adorar coisas de madeira, pedra ou metal, mas sim adorar ativa e devidamente o Deus vivente. Este é o caminho estreito e apertado.

Posso agora fazer uma recomendação? Desenvolvei a autodisciplina, mais e mais, para não terdes de decidir sempre de novo, quando vos defrontardes com a mesma tentação. Precisais decidir certas coisas *só uma vez*!

Que grande bênção estar livre desse terrível "sempre de novo" com referência a uma tentação! Agir assim é um desperdício de tempo e muito arriscado.

Da mesma forma, meus jovens amigos, as coisas positivas que pretendeis realizar precisam ser decididas só uma vez — como cumprir missão e viver de modo que possais casar-vos no templo; depois, é fácil tomar todas as outras decisões relacionadas a tais metas. Do contrário, cada consideração é arriscada e cada equívoco pode acabar em erro. Há certas coisas que nós, santos dos últimos dias, fazemos e outras simplesmente que não fazemos. Quanto mais cedo decidirdes o que é certo, tanto melhor para vós!

Desde minha meninice tenho ouvido histórias sobre chá, café, fumo etc. Quase todos os domingos na Escola Dominical e na Primária,

cantávamos entusiasticamente, eu e os outros meninos:

Se sadias querem ser, fortes se desenvolver,
Chá, café e fumo todas odiarão,
Nunca álcool irão tomar, muita carne evitar
E assim contentes sempre estarão.
(*Cante Comigo* B-24, "Nas Montanhas de Sião".)

Cantávamos esse hino seguidamente, até ele tornar-se parte de meu vocabulário e repertório musical, mais particularmente, porém, de meu plano de vida. Ocasionalmente um orador respeitado disse nunca haver provado dessas coisas e então eu me decidi. Jamais provaria dessas coisas proibidas que os profetas desaconselhavam. Foi uma decisão firme e inabalável. Resolvi não fazê-lo e não o fiz.

Em 1937, minha mulher e eu viajamos para a Europa. Na França, participei da Convenção Internacional do Rotary num elegante hotel. No amplo e espaçoso salão de banquetes estavam centenas de pessoas. Numerosos garçons serviam as mesas ricamente adornadas com pratarias, toalhas e guardanapos de linho e fina porcelana. Ao lado de cada prato havia sete taças de vinho. Ninguém me estava observando. Aí veio a tentação: devo ou não tomar apenas um golezinho? Ninguém que se importa saberá. Foi mesmo uma tentação. Devo ou não devo?

Então me lembrei: Mas, quando menino, tomei a firme decisão de nunca provar das coisas proibidas. Já vivera um terço de século sem vacilar. Não iria quebrar minha resolução agora.

Lembrai-vos, ó juventude de nobre ascendência, que "iniqüidade nunca foi felicidade". (Alma 41:10.) O iníquo pode fingir-se de feliz e talvez querer induzir outros a seguirem seu caminho, pois o miserável adora ter companhia, como sabeis, mas vós jamais vereis um pecador feliz. Até mesmo o descontentamento das pessoas boas é patentemente oriundo de suas falhas.

Ao observador casual poderá parecer que uma pessoa iníqua "chegou lá", e talvez pareça mesmo por algum tempo. Porém, o pecado grave produz um profundo vazio. Por isso o iníquo aparentemente repete o pecado a fim de reanimar-se e tentar preencher o vazio. Quando virdes uma vida repleta de desespero, ali existe transgressão. Podemos sentir piedade dessas pessoas, mas é errado e ingênuo invejá-las!

Conhecer os patriarcas e profetas do passado e sua fidelidade sob pressões, tentações e perseguições, fortalece as resoluções da juventude. Nas escrituras estão ilustradas praticamente todas as possíveis fraquezas e pontos fortes do homem, como também se registram as recompensas e punições. Aquele que não aprende a viver adequadamente com tais leituras é certamente cego. Diz o Senhor: "Examinais as escrituras; porque vós cuidais ter nelas a vida eterna: e são elas que de mim testificam." (João 5:39)

Que grande bênção estar-se livre desse terrível "sempre de novo" com referência a uma tentação!

Ele é o mesmo Senhor e Mestre, em cuja vida encontramos toda sorte de bondade, toda qualidade que deveríamos desenvolver na vida.

Conseguis encontrar em todas as sagradas escrituras algum ponto em que o Senhor Jesus Cristo falhou para com sua igreja? Conseguis achar uma só escritura que diga que ele foi desleal para com seu povo, seus vizinhos, amigos ou companheiros? Ele foi fiel? Foi verdadeiro? Haverá algo de bom e valioso que não haja dado? Pois é isto o que esperamos — o que ele espera de um marido, de todo marido; de uma esposa, de toda esposa; da moça, de toda moça; do rapaz, de todo rapaz.

Outra palavra de conselho ao planejamento de sua vida. Para realizardes as coisas especiais dadas a esta geração, tereis de guardar-vos do egocentrismo. Uma das tendências inerentes à maioria dos indivíduos e que simplesmente precisa ser superada é a tendência ao egoísmo. Tudo o que puderdes fazer nesse sentido, agora que sois jovens e mais maleáveis, será uma importante contribuição para a qualidade de vida nos anos vindouros e na eternidade. Sereis cônjuges muito melhores, pais muito mais perfeitos, se conseguirdes inverter a tendência ao egoísmo. Os filhos que não conhecereis por alguns anos ainda têm um grande interesse em que vençais o egoísmo.

Como em todas as coisas, temos o exemplo do Salvador no Calvário. Ali fez uma coisa que não precisava fazer — algo que propiciaria aos outros o dom da imortalidade que ele, Jesus, já tinha. Aquele foi o supremo ato de abnegação.

Sem dúvida vós lembrais de ler em 3 Nefi a respeito da visita de Jesus ressurreto a este continente e como, depois de abençoar as crianças, chorou por duas vezes e disse: "Eis que agora é completa a minha alegria." (3 Nefi 17:20.)

A genuína alegria só pode provir de nossa dedicação a causas justas, como a edificação do reino, causas em certo sentido maiores do que nós. O prazer tende a ser exclusivo. A verdadeira alegria sempre inclui os outros.

Agora é o tempo certo para estabelecerdes metas. Agora é o tempo de determinar firmemente vossos

Vós sereis cônjuges muito melhores, pais muito mais perfeitos, se conseguirdes inverter a tendência ao egoísmo.

padrões e depois vos apegardes a eles por toda a vida.

Ernest Renan deixou-nos este pensamento: "Tudo favorece os que têm um destino especial; eles tornam-se gloriosos por uma espécie de irresistível impulso e ordem do destino." (*The Life of Jesus*)

Vejo em vós, meus jovens amigos, uma nova geração de santos dos últimos dias muito mais familiarizada com as escrituras do que eram as gerações anteriores da mesma idade. Podereis ser estudiosos dela durante a vida inteira. Vejo em vós uma geração emergente de santos dos últimos dias mais disposta ao serviço missionário (tanto antes como depois da missão de tempo integral) que as passadas. Falando genericamente, vossa geração verá, mais claramente ainda que as precedentes, a importância de levar o evangelho aos semelhantes.

Vossa geração não se envergonhará do evangelho de Jesus Cristo, nem de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Vejo em vós uma geração de jovens santos dos últimos dias, cujo coração estará voltado para os antepassados como nunca antes aconteceu. Ela desenvolverá um interesse natural pela pesquisa e freqüência ao templo, ultrapassando o de pais e avós quando tinham a mesma idade.

Vejo em vós uma geração de jovens santos dos últimos dias que aplicará efetivamente a experiência de liderança adquirida na Igreja, no Programa das Moças e no dos Rapazes, na Escola Dominical, Sociedade de Socorro, Primária e nos quoruns do sacerdócio, a qual será solicitada pelos homens de bem do mundo, que precisarão de moços e moças íntegros e competentes para servir em vários setores. Esses jovens SUD levarão consigo não só suas crenças como seus conhecimentos, competência e integridade.

Vejo em vós, jovens santos dos últimos dias, testemunhos mais avançados para vossa idade que os das gerações anteriores.

E assim, juventude querida, lembrai-vos, quando o temporal derrubar os reinos dos homens, o reino de Deus continuará firme e inabalável. Quando a influência dos sábios mundanos for silenciada pela morte a glória e o progresso dos fiéis e valentes que cumpriram todos os requisitos continuarão vivos em majestade e poder. Não existe outro caminho.

A ATITUDE CORRETA NO ATLETISMO NA IGREJA

Por Clinton L. Cutler
Diretor de Atletismo da area de Lago Salgado

O programa de atletismo, mais do que uma simples competição esportiva, é um esforço pela vitória contra um oponente. Devia ser usado para formar fortes testemunhos, servir como um instrumento missionário, para fortalecer a irmandade no sacerdócio e maior união entre os jovens. Devia criar oportunidades para melhorar a forma física individual e auxiliar a pessoa a atingir um grau mais alto de autocontrole. Com estes propósitos em mente, a esportividade se torna um princípio central e vital no programa geral. Os líderes devem ensinar e encorajar este elevado princípio para o benefício eterno dos que participam dos esportes e dos espectadores. O atletismo foi organizado para dar às pessoas a oportunidade de fortalecer a si mesmas fisicamente e de crescer espiritualmente. Os espectadores num campeonato de atletismo têm uma participação vital ao aderirem a este propósito espiritual. Os que criticam ou desaprovam não deviam fazer parte dos eventos atléticos. As pessoas não esperam que todo jogador seja perfeito. Um jogador cometerá erros em qualquer jogo. Quando isso acontece é simplesmente parte da competição. Como jogadores ou espectadores, erramos ao não aceitar que um juiz cometa erro de julgamento ou não perceba alguma coisa no jogo. Os que oficiam num jogo são geralmente voluntários que não recebem pagamento — membros da Igreja tentando fazer um trabalho quase impossível. Seus erros devem ser vistos como os erros dos jogadores e aceitos com a mesma tolerância como parte do jogo. Os envolvidos — jogadores, espectadores e oficiais — devem reconhecer que paticipamos de uma experiência que nos ajudará a crescer e podem beneficiar-se de cada atividade, incluindo as competitivas. Se nos lembrarmos da canção da Primária "Sou um Filho de Deus", mesmo durante a intensidade dos eventos esportivos, a esportividade terá seu lugar predominante e de direito no programa de atletismo da Igreja.

Evitar vaias — Recentemente fui a um jogo onde "nosso" time vencia, mas "nossa" torcida vaiava os juízes e "nossos" jogadores estavam recebendo penalidades pela falta de esportividade. Refleti sobre os sentimentos dos membros do time oponente, lembrando-me de que havia pouco tempo "nosso" time era o oprimido. Pensei na distância que os oponentes viajaram com seus sonhos e esperanças dentro de uma mala. Tempo, dinheiro, sacrifício pessoal foram investidos para trazer um vencedor para casa. Desde essa experiência medito sobre os princípios de solidariedade e amor fraternal do evangelho. Não vaio mais os times ou juízes. Descobri que o único meio de mudar essa atitude anti-esportiva é começar com o comportamento do indivíduo e viver o evangelho ensinado por Jesus Cristo. — *Linda K. Greer, Provo, Utah.*

Regras rigorosas mantêm o contrôle — Já tivemos sérios problemas em nossa estaca quanto a esportividade. Adotamos regras rigorosas que se tornaram padrão para toda a região. Um jogador que viole as regras estará fora toda a temporada — e seu time também.
Ele não participará do mesmo esporte na próxima temporada. Os campeonatos em nossa estaca são decididos por um sistema de pontos, por jogos ganhos e o mesmo número de pontos vale para a esportividade, pois os torcedores também podem ganhar pontos para seu time. Após os jogos trocam um aperto de mão. As pessoas designadas como responsáveis pelos jogos participam de um seminário de 10 a 12 horas. São líderes respeitados. Maior ênfase é dada aos esportes que promovem recreação e boa forma física. A competição é uma parte do programa. Se a competição se torna intensa, sempre há problemas. Todos os jogos se iniciam com uma oração. — *Robert Ward, Long Beach, Califórnia.*

Bom planejamento ajuda — Tento organizar os torneios para que os jogadores sintam que tudo está sob controle. Antes das competições explico as regras aos treinadores e jogadores. Digo-lhes que a esportividade é parte do jogo e que se não quiserem demonstrar esportividade é melhor não jogarem. Digo-lhes que os juízes estão lá para oficiar os jogos. Estão dando o melhor de si para ajudar o jogo. Se alguém tem uma reclamação deve falar com quem supervisiona o jogo. Deve haver supervisão em todos os jogos. Problemas e pouca esportividade sempre existem quando ninguém toma decisões. — *Terry Smith, Salt Lake City, Utah.*

Como fazer a verificação — 1. *Realize eventos atléticos bem organizados e com supervisão apropriada.* 2. *Respeite os oficiais responsáveis. Não espere perfeição.* 3. *Dê mais ênfase à esportividade do que à competição.* 4. *Ore antes das competições atléticas.* 5. *Tenha os padrões do evangelho em mente.* 6. *Seja rigoroso com todas as regras da esportividade.*

